



ComSertões

Revista de Comunicação e Cultura no Semiárido



UNEB - DCH III - NUPE - EDUNEB

Juazeiro-BA - Vol. 01, N° 04
Julho/Dezembro 2016
ISSN Elet: 2357-8963
ISSN Imp: 2318-4507

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA (UNEB) DEPARTAMENTO DE
CIÊNCIAS HUMANAS (DCH) - CAMPUS III – JUAZEIRO**

CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

REITOR

José Bites de Carvalho

DIRETORA DO DCH III

Márcia Guena

COORDENADOR DO CURSO DE JORNALISMO EM MULTIMEIOS

Luiz Adolfo de Andrade

EDITOR

João José de Santana Borges

EDITOR ASSISTENTE

Jaqueline dos Santos

CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

César Bolano/Universidade Federal de Sergipe

Cicilia Peruzzo/ Universidade Metodista de São Paulo

Giovandro Marcus Ferreira/ Universidade Federal da Bahia

Ismar de Oliveira/ Universidade de São Paulo

Maria Immacolata Lopes/ Universidade de São Paulo

Thomas Tufte/RoskildeUniversity Center da Dinamarca

Israel Rocha/Universidade Federal da Bahia

Miguel Almir de Araújo Lima

DIAGRAMAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

David Werson

FOTO DE CAPA:

Krishnamurti Silva de Lima

ASSISTENTE EDITORIAL

Estagiária Jaqueline dos Santos

COLABORADORES

David Werson

APOIO

Departamento de Ciências Humanas (DCH) CAMPUS III – Juazeiro

ComSertões: Revista de comunicação e cultura no semiárido. / Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. - n. 4, (jul/dez, 2016)
- Juazeiro: UNEB/DCH, 2016.

Semestral

Revista eletrônica: <http://www.revistas.uneb.br/index.php/consertoos/index>

ISSN 2357- 8963 (versão on-line)

ISSN 2318- 4507 (versão impressa)

1. Comunicação 2. Cultura I. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas, 2016.

CDD 302.2

Sumário

1-Entrevista: **A midiaticização e as transformações das dinâmicas socioculturais**, por Andréa Cristiana Santos e Maria Eduarda Abreu. Pág 6.

2- **Análise da disposição final dos resíduos sólidos urbanos no Distrito de Pilar-Ba**, por Andressa Leal. Pág 12.

3- **Caminhos do rio: casas, fotografias e memória no sertão nordestino**, por Jackeline Pinheiro Meira. Pág 24.

4- **Na Sombra dos Parreirais: condições de trabalho e segurança das mulheres que atuam na produção de uvas finas de mesa no Submédio São Francisco**, por Sheila Feitosa. Pág 40.

5- **Complexo de cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault**, por Ivaneide Vieira da Silva. Pág 57.

6-**A horta Povo Unido como referencial de desenvolvimento social e humano**, por Katiúscia Maria da Silva. Pág 77.

Editorial

Nestes tempos de demolição das conquistas e dos direitos sociais oriundos da Constituição de 1988, a ComSertões floresce, ainda que um tanto tardia. Talvez, para revelar que “por mais que haja dor e agonia, por mais que haja treva sombria, existe uma luz que é uma guia, plantada no azul da amplidão” (Dori Caymmi/ Paulo César Pinheiro). E essa luz simboliza a produção incessante de conhecimento no Vale do São Francisco. Esta edição da revista é uma bela demonstração do quanto se pode pesquisar, mesmo em condições difíceis. E a pesquisa aponta caminhos, revela aspectos do real – inauditos e muitas vezes ocultados por fontes oficiais do discurso público – e manifesta soluções para problemas antigos. E também manifesta sentidos transfigurados, identidades em mutação, conflitos de interesses sob a aparente homogeneidade do poder-dominação.

Nesta edição, encontramos um mosaico de saberes e valores cultivados em um momento nada propício para a estabilidade de nossos anseios e previsões. Denúncias socioambientais como no caso do artigo que versa sobre o lixão em Pilar, mas também no artigo sobre as mulheres que trabalham na colheita da uva na região, revelam sobremaneira as contradições das promessas de desenvolvimento econômico, sob a égide de uma colonização que não se deixa dizer o nome. Mas também há espaço para modelos insurgentes de desenvolvimento, como no caso do artigo sobre a Horta comunitária Povo Unido, em um bairro periférico de Juazeiro-BA.

As questões identitárias percorrem pelo menos três dos artigos reunidos nesta edição. Nada mais oportuno do que tratar da identidade de gênero, em um ano em que esteve tão evidente o quanto a misoginia e o machismo povoam a cultura política deste país. Mas também encontraremos uma reflexão com base na psicanálise e o complexo de cinderela na literatura, o que fortalece o caráter interdisciplinar e plural para os sertões que queremos fazer comunicar.

Esta edição da Revista traz uma entrevista com o professor Professor Dr. Eneus Trindade Barreto Filho, professor do Doutorado Interinstitucional da UNEB com a USP, uma das inovações mais promissoras, sendo colhidas em ano tão agonístico.

Pois mesmo com os tempos sombrios que se avizinham – e esta revista não poderia deixar de registrar o ano em que a PEC 241/55 foi aprovada, culminando as leviandades de um governo ilegítimo – é preciso continuar a ouvir a voz de Nana Caymmi, que professa: “E a gente já prepara o chão para semente, para vinda da estrela cadente, que vai florescer no sertão.” Por tempos mais felizes.

A Comsertões agradece.

Cordialmente,

João José de Santana Borges

1-A midiatização e as transformações das dinâmicas socioculturais

Andréa Cristiana Santos¹

Maria Eduarda Abreu²

Os estudos de midiatização começaram com pesquisadores das Ciências Sociais analisando a influência da mídia na vida social. No contexto latino-americano, Jesús Martín-Barbero, García Canclini e Guilherme Orozco ampliaram as pesquisas a partir do conceito de mediações culturais e a relação da comunicação centralizada na cultura. No Brasil, pesquisadores como o professor da Universidade de São Paulo (USP), Eneus Trindade, se dedica a estudar a midiatização em um paralelo com mediações culturais com ênfase nos estudos sobre as relações de consumo.

Nessa entrevista a ComSertões, o professor analisa como as mídias estão presentes na vida cotidiana e como essa presença transforma as dinâmicas socioculturais. Ele discute também a tendência da publicidade em disseminar temas sociais com combate à opressão das minorias. Para Eneus, o consumo pode ser um lugar de inclusão, de tolerância e de respeito à diversidade na sociedade.

Com sólida formação acadêmica em Comunicação pela USP, Eneus é coordenador do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) e defende que as universidades públicas invistam na institucionalização da pesquisa, incentivando parceria entre centros de excelências e universidades de todo país. O professor participa do Programa de Pós-Graduação Interinstitucional em Comunicação (Dinter), parceria da USP e a Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e tem visitado a região do Vale do São Francisco para socializar os seus estudos com doutorandos em comunicação, estudantes e professores de Jornalismo em Mídias e Pedagogia, da Universidade do Estado da Bahia, campus Juazeiro.

¹ Dra em Comunicação e Cultural pela UFRJ e professora do curso de Jornalismo em Mídias, da UNEB. É coordenadora do projeto Agência MultiCiência, da UNEB. E-mail: andcsantos@uneb.br.

² Graduanda em Jornalismo em Mídias e monitora da Agência MultiCiência, da UNEB. Email: withduds@gmail.com

Professor, seus estudos estão relacionados ao tema midiatização e consumo. Como o conceito de midiatização tem sido analisado?

Eneus Trindade (ET): Estudo a midiatização em um paralelo com mediações culturais com destaque às mediações comunicacionais. A midiatização é o operador ou um mecanismo de difusão desses aspectos da cultura via comunicação. A partir disso, entende-se que o consumo é alterado pela midiatização de marcas, que funcionam com um elemento da mediação cultural para identidade do indivíduo. Por isso, a relação mediações culturais e midiatização, porque a marca operacionaliza uma dimensão de consumo comunicativo e, ao mesmo tempo, materializa uma série de mediações culturais e comunicacionais relacionadas à identidade do sujeito.

Quais mudanças surgiram nos estudos de midiatização da sua origem para os dias atuais?

ET: A midiatização é uma tendência fora do contexto brasileiro hegemonicamente, não que não exista no Brasil, existem pesquisadores brasileiros trabalhando esse conceito. A midiatização é um conceito contemporâneo das Ciências Sociais nos estudos de mídia que procuram estudar a influência da mídia na vida social e nas transformações sociais. Nos estudos de tradição latino-americana, existem as mediações culturais propostas por autores como Martin Barbero, García Canclini e Guilherme Orosco que trabalham perspectivas de entendimento da comunicação na centralidade da cultura. Essa mediação reflete uma série de mediações culturais e que explicam a constituição do indivíduo e o modo como as pessoas se apropriam das realidades. É interessante entender que a midiatização é um conceito amplo da presença da mídia na transformação social, mas as mediações culturais procuram explicar de forma mais detalhada esse conceito e a tradição latino-americana é mais adequada para nós.

O senhor tem realizado pesquisas relacionadas ao consumo e ao padrão alimentar. É possível comprovar mudanças de hábitos de consumo a partir da influencia da mídia?

ET: Quando estudamos essa questão dos alimentos e das práticas alimentares, queríamos identificar em que medida as tendências se manifestavam como uma interferência na construção do sentido das marcas para o estabelecimento de vínculo, a partir de tendências como conveniência, facilidade, prazer, saúde, ética e sustentabilidade. Procuramos entender o que é que acontece com essas tendências e percebemos que elas se apropriam, às vezes

combinando mais de uma delas. Determina marca se apropriada do discurso de saúde, mas a prática alimentar não é adequada, não é saudável. Fica só na prática discursiva da marca. Por outro lado, as pessoas querem ser sustentáveis e querem ser saudáveis, mas consomem produtos industrializados e produtos processados.

Além da questão do consumo, como o tema midiática tem estimulado novos estudos científicos e pesquisas universitárias?

ET: Com uma perspectiva de valorizar o sujeito receptor e a sua relação de usos e consumos midiáticos, isso tem sido muito importante e fundamental no empreendimento da midiática e no entendimento da comunicação como um processo sociocultural. Essa contribuição cria uma preocupação com objetos da comunicação e não só estudar comunicação relacionada a qualquer coisa perdendo de vista o objeto comunicacional. A grande contribuição dessa perspectiva teórica é tentar entender um lugar possível de compreensão do objeto comunicacional na sua presença na vida social.

Como podemos perceber a influência da midiática no cotidiano?

ET: É relevante perceber como as mídias estão presentes na vida cotidiana e como essa presença transforma as dinâmicas socioculturais. Essa é uma característica do conceito de midiática entender a presença da mídia e como essa presença transforma o sentido da existência. Um exemplo é a interação interpessoal que acontecia por telefone e hoje é substituída pelo whatsapp com os smartphones. Quase ninguém mais telefona, então o smartphone quase não é usado para essa perspectiva e sim para a interação através de aplicativos. Isso é uma transformação da cultura de relações interpessoais e essa subutilização do telefone transforma os modos de interação das pessoas.

Muitas empresas têm construído campanhas midiáticas com conteúdos alusivos a temáticas sociais, como homofobia, racismo, pautando muitas vezes discussões na rede. Como entender essas tendências no mercado publicitário?

ET: É preciso estudar cada plataforma para entender isso, porque as marcas têm uma proposta de vinculação com os consumidores. A empresa tem que estabelecer um vínculo de credibilidade e de confiança. Não adianta ser um vínculo afetivo, deve ser um vínculo de credibilidade e confiança com o consumidor. Esse tipo de credibilidade e de confiança tem que permear todas as plataformas, só que essas plataformas não agem na mesma intensidade. No twitter são 140 caracteres, ou seja, uma perspectiva de interação com limite. A página do

facebook pode ter outras características, então dependendo da plataforma posso ter a possibilidade de criar esse vínculo com maior ou menor intensidade em função dos artifícios técnicos que a plataforma permite na interação.

Como entender esse tipo de consumo?

ET: É um consumo responsável, ético e que busca lutar para agregar o consumo de mercadorias a uma postura civilizatória que leva emancipação e a inclusão social. É lógico que essa inclusão social pode ser associada ao consumo, a aquisição de produtos passa ser a porta de entrada de aceitação do indivíduo. Logo, a interpretação negativa que a gente pode ter dessas estratégias é que eu só vou aceitar o negro, eu só vou aceitar o homossexual se ele for consumidor. Por outro lado, consumir é uma condição da existência humana, a gente nasce para consumir. Então, não podemos ser tão extremistas em dizer que o consumo não é um lugar de inclusão. Mas junto com esse lugar de inclusão você tem que ter os aspectos de tolerância e de respeito à diversidade na sociedade.

Ao mesmo tempo em que as empresas investem em campanhas sociais, muitas peças publicitárias ainda reproduzem aquele modelo de associação da mulher como objeto de desejo sexual, como campanhas de bebidas, algumas marcas de roupas. Como publicitário e pesquisador da área o senhor identifica implicações éticas nesse tipo de propaganda?

ET: Isso é um processo civilizatório, enquanto houver preconceito existente na sociedade existirá a publicidade que revela os estereótipos do preconceito, à medida que a publicidade e a sociedade vão ganhando outro estatuto de processo civilizatório isso pode ser combatido. Antigamente, o cigarro era recomendado para atenuar o estresse das pessoas, hoje a propagando do cigarro é proibida. No futuro, todas essas questões que consideramos antiéticas, mas que vem acontecendo estarão extintas num lugar folclórico de lembrança de uma sociedade em uma outra etapa do processo civilizatório. É preciso ver a evolução civilizatória da sociedade e o que cabe e não cabe nessa sociedade. De repente, o movimento das mulheres vai inviabilizar a representação delas de um modo machista no futuro. Agora, isso ainda não acontece porque existe ainda a presença da cultura machista na mídia. Enquanto houver essa presença, haverá quem faça publicidade nesses moldes.

O senhor estudou na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e é professor da USP, atualmente também participa do Dinter em Comunicação, parceria entre a UNEB

e USP, como o senhor analisa o crescimento da pesquisa nas universidades da região nordeste?

ET: Houve uma grande evolução. Quando eu saí para fazer o mestrado e o doutorado na USP, não existia pesquisa na região apenas a graduação e hoje as universidades públicas do Nordeste estão preocupadas com a pesquisa e estão surgindo programas de pós-graduação. A UFPE onde estudei não tinha mestrado e doutorado em Comunicação e hoje já tem um programa na área. Se me formasse hoje, não sairia de Recife. De um modo geral, as pesquisas refletem temas importantes para o desenvolvimento das regiões, portanto não há como comparar com as pesquisas de São Paulo. Os assuntos discutidos em Recife, discutidos em Juazeiro são pertinentes à região. Não posso dizer que a pesquisa realizada em São Paulo é superior a de outras regiões. Talvez as universidades de São Paulo tenham uma tradição, tenham uma prática de pesquisa consolidada, mais madura e isso coloque institucionalmente a pesquisa em comunicação em um patamar superior. Mas percebo grandes avanços, tenho grandes colegas interlocutores e não vejo com demérito as abordagens temáticas ou o método. O que eu acho é que o Nordeste precisa lutar, cada vez mais, para institucionalizar a pesquisa no ensino superior sobretudo as universidades públicas.

A região nordeste tem sido pautada pela mídia através de novelas como Velho Chico e filmes que são produzidos na região, como esse processo de midiaticização contribui para construir novas referências sobre o Nordeste, que não seja a de uma visão estigmatizada?

ET: O Nordeste vai ganhando a sua midiaticização a partir de seus conflitos locais na medida em que a região tem aspectos que correspondem à dimensão do poder instituído, como também possuem aspectos das condições de desigualdade, da miséria, pobreza e esquecimento de uma população que vive o paradoxo de ter o desenvolvimento no agronegócio, na produção de energia do país e, ao mesmo tempo, tem uma parte da população esquecida ou alijada desse processo. A mídia ajuda a problematizar isso, acho que inclusive as representações do Rio São Francisco e da sua região são representações que traduzem na medida do possível essas polêmicas muito melhor do que a representação hegemônica que se tem da política na mídia.

O Senhor avalia que houve mudanças nesse discurso hegemônico?

Existe um imaginário do nordeste já consolidado, mas os produtos midiáticos têm mostrado que houve uma mudança. Por exemplo, o filme cearense *Boi Neon*, do diretor Gabriel Mascaro, trabalha uma perspectiva do nordestino que não quer migrar, mas que quer viver na região, porque houve mudanças. Há um novo horizonte de representação das mídias sobre o Nordeste que está ganhando uma certa amplificação e mostra uma outra estética uma outra lógica, o que é importante e legítimo. Talvez essa questão hegemônica do Nordeste como lugar pobre permaneça em um grande imaginário coletivo porque essas produções são em menor frequência do que outras, mas por outro lado já existe uma produção constante ainda que menor comparado a produções de lógica hegemônica. Há produções que demonstram que existe vida cultural e negócios prósperos no nordeste. Na região do São Francisco, existe uma representação que, para mim, corresponde ao justo, ainda que às vezes recaía em alguns aspectos, mas a gente também não tem como fugir disso totalmente.

2-Análise da disposição final dos resíduos sólidos urbanos no Distrito de Pilar-Ba

Analysis of the final disposal of municipal solid waste in the Pilar-Ba District

El análisis de la disposición final de los residuos sólidos urbanos en el Pilar-Ba Distrito

Andressa Leal

Resumo

Em função do crescente conhecimento nas implicações sobre o meio ambiente, do aumento populacional e consumo exacerbado, o alto volume de resíduos gerados a serem dispostos de forma inadequada, tem favorecido como grandes desafios tanto para os gestores públicos quanto para a sociedade. O objetivo do trabalho foi avaliar o local de destinação final dos resíduos sólidos urbanos gerados no Distrito Pilar em Jaguarari-BA. O trabalho foi desenvolvido no período de janeiro de 2016. A primeira etapa, foi realizada no local de destinação final dos resíduos, através de visitas e observações in loco do lixão à céu aberto, às quais permitiram descrever os principais impactos ambientais presentes no ambiente de destinação final dos resíduos, e através de entrevistas para os moradores que moram no entorno do lixão, e funcionários da prefeitura. De acordo com os resultados, observou-se que os principais impactos diagnosticados foram: Resíduos depositados de maneira irregular, contaminação do solo, e águas subterrâneas, riscos aos catadores e impacto na saúde pública.

Palavras-chave: Meio ambiente, Lixão, Impactos ambientais.

Abstract

Due to the growing knowledge of the implications on the environment, population growth and exacerbated consumption, the high volume of waste generated are disposed of improperly, has favored as major challenges for both public officials and for society. The objective it was to evaluate the site of final disposal of municipal solid waste generated in the District Pilar Jaguarari-BA. The study was conducted from January 2016. The first step was carried out at the site of final disposal of waste, through visits and on-site observations of the landfill to open, which allowed to describe the main environmental impacts in the environment of disposal of waste, and through interviews to residents living approximately the dump, and city

officials. According to the results, it was observed that the main impacts were diagnosed: Waste deposited in an irregular manner, contamination of soil and groundwater risks to scavengers and impact on public health.

Keywords: Environment, Dump, Environmental impacts.

Resumen.

Debido al creciente conocimiento de las consecuencias sobre el medio ambiente, el crecimiento demográfico y el consumo exacerbado, el alto volumen de los residuos generados se desechan de manera inadecuada, ha favorecido como los principales desafíos tanto para los funcionarios públicos y para la sociedad. El objetivo que fue el de evaluar el sitio de disposición final de los residuos sólidos urbanos generados en el distrito de Pilar Jaguarari-BA. El estudio se llevó a cabo a partir de enero de 2016. La primera etapa se llevó a cabo en el sitio de disposición final de los residuos, a través de visitas y observaciones en el lugar del vertedero para abrir, lo que permitió describir los principales impactos ambientales en el entorno de eliminación de los residuos, y por medio de entrevistas a los residentes que viven en las proximidades del vertedero, y funcionarios de la ciudad. De acuerdo con los resultados, se observó que los principales impactos fueron diagnosticados: residuos depositados de manera irregular, la contaminación de suelos y aguas subterráneas riesgos a los carroñeros y el impacto en la salud pública

Palabras clave: Medio ambiente, descarga, los impactos ambientales.

Introdução

O crescimento da população urbana, e o consumo desenfreado, têm de maneira considerável, contribuído para o aumento da geração de resíduos sólidos urbanos. Entretanto, o manejo inadequado desses resíduos de qualquer origem gera desperdícios, contribui para degradação ambiental e ameaça à saúde pública, comprometendo a qualidade de vida das populações especialmente nos centros urbanos.

O lixo urbano, ou seja, os resíduos sólidos urbanos (RSU) quando acumulado e iniciado o processo de degradação do mesmo produz um líquido denominado de chorume. Este possui coloração escura com cheiro desagradável e atinge as águas subterrâneas (aquífero, lençol freático) (ARAÚJO et al., 2013). Os impactos ambientais ocasionados pelo chorume surge pela decomposição dos resíduos, se infiltrando no solo pode ocasionar a contaminação de águas superficiais e subterrâneas e o assoreamento dos riachos, por apresentar uma alta concentração de matéria orgânica, outros poluentes, os quais podem agregar outros riscos ao homem e ao meio ambiente (substâncias inorgânicas, metais pesados).

A Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais (ABRELPE, 2013), revela que 3.344 municípios ainda fazem usos de locais impróprios para destinação final de resíduos. Desse total, 1.569 municípios utilizam lixões, mesmo esse seja uma forma inadequada de disposição final.

O gerenciamento inadequado dos resíduos afeta todas as outras áreas do saneamento (esgotamento sanitário, abastecimento de água e drenagem de águas pluviais urbanas) e causando variáveis problemáticas ao meio ambiente, à saúde e às condições sociais do homem, além de constituir crimes ambientais (SILVA et al., 2011).

A disposição inadequada dos RSU promove consequências graves, como exemplo o assoreamento de rios e canais devido o lançamento de detritos nesses locais, a contaminação de lençóis de água comprometendo o seu uso domiciliar, contaminação do solo por intermédio da infiltração dos líquidos percolados gerados a partir do processo de decomposição e degradação da fração orgânica, a proliferação de insetos, roedores, transmissores de doenças, e o problema da presença dos catadores nos locais onde os resíduos sólidos são depositados a céu aberto (JUNKES, 2002; ALCANTARA, 2010).

A obtenção de um diagnóstico sobre a situação das características naturais na área do Lixão, no município de Pilar-BA, servirá como instrumento inicial para implantação de ações concretas de preservação ambiental. Em que consiste num processo que envolve as ações relativas à tomada de decisões políticas e estratégicas ambientais relacionadas aos resíduos sólidos.

Diante disso, o objetivo do trabalho foi desenvolver uma análise da disposição final dos resíduos sólidos urbanos depositados em lixão a céu aberto, no Distrito de Pilar – BA.

Materiais e Métodos

Área de Estudo

O trabalho foi realizado no Distrito de Pilar situado no estado da Bahia, distando aproximadamente 550 km da capital, Salvador, com 30.343 mil habitantes, em uma área de 2456.548 km² (IBGE, 2010).

A pesquisa *in loco* foi realizada no lixão localizado no Distrito de Pilar no qual distancia-se 2,7 km quilômetros do perímetro urbano (Figura 1), com área total de 9,28 hectares. Sob as coordenadas geográficas de longitude 40,1844 “W, e latitude -10,2436 “S.

Trata-se de uma pesquisa exploratória de caráter descritivo do processo de coleta e disposição final de resíduos sólidos urbanos. A pesquisa exploratória tem por objetivo aproximar-se do tema, criando maior familiaridade em relação ao fato ou fenômeno, prospectando materiais que possam informar a real importância do problema, o que já existe a respeito ou até novas fontes de informação, o que normalmente é feito através de levantamento bibliográfico e documental, entrevistas, observações *in loco*.

A primeira etapa foi realizada em janeiro de 2016 e consistiu na análise *in loco* das condições ambientais do lixão. Foi feita a observação do tipo de lixo descartado, os possíveis impactos sobre o solo, ar, fauna e flora. A identificação dos tipos, causas e consequências dos impactos ambientais na área de estudo foi realizada a partir dos impactos identificados, no qual foram selecionados os mais significativos para análise e interpretação dos dados.

Foi realizado um questionário (Anexo 1) com a população para avaliar os problemas que os mesmos vêm sofrendo devido às atividades antrópicas que afeta não apenas área de disposição final como também a qualidade de vida das pessoas. Aplicado também outro questionário (Anexo 2) com alguns funcionários da prefeitura do Distrito do Pilar, para obter informações sobre o lixão em si e quais procedimentos a prefeitura vem tomando para acabar com tais problemas.

Figura 1. Localização do lixão do Distrito de Pilar, em Jaguarari, BA (FONTE: Google Earth, 2015).



Fonte: Google Earth, 2016.

Segundo informações da prefeitura a coleta dos resíduos é realizada por uma empresa terceirizada pela prefeitura do Distrito de Pilar, responsável pelo encolhimento dos resíduos encaminhando-os ao lixão. O serviço de limpeza urbana acontece de forma regular, com frequência média de três vezes por semana, por meio de caminhões. Os resíduos são recolhidos nas vias residenciais e comerciais realizados com um (1) caminhão e seis (6) funcionários.

Resultados e Discussão

Disposição dos resíduos sólidos no Distrito Pilar

A área em estudo apresenta como principal característica a presença de resíduos sólidos dispostos de maneira irregular. Quanto à origem dos resíduos dispostos no local são que provenientes de ambientes domiciliares, públicos, comerciais e/ou industriais.

Análise in loco apresenta aspectos da área de disposição final dos resíduos sólidos urbanos do Distrito do Pilar, como: Resíduos descartado a céu aberto, sem qualquer cuidado na sua disposição, depositados ao longo dos anos.

Ainda referente a Figura 1, observa-se que os resíduos estão depositados em contato direto com o solo. A diversidade de materiais ali presentes apresentam diferentes composições nos quais podem conter metais pesados, hidrocarbonetos, compostos voláteis, dentre outros.

Estes componentes são liberados no ambiente a partir da decomposição dos resíduos sólidos e a mistura desses diferentes compostos degradados forma o um líquido escuro (chorume) no qual a depender do tipo de solo presente no local, o mesmo percola no perfil contaminando o lençol freático e conseqüentemente os recursos hídricos da região.

Figura 1. Resíduos sólidos urbanos dispostos a céu aberto em processo de degradação no Distrito Pilar, em Jaguarari (BA).



Figura 2. Resíduos sólidos atraindo urubus no Distrito Pilar, em Jaguarari (BA).



Constatou-se também a presença de animais no local, como a de urubus (*Coragyps atratus*), cachorros (Figura 2) e insetos. Esses animais encontraram neste local o ambiente altamente propício ao seu desenvolvimento devido à presença em abundância de alimentos que fazem parte das suas cadeias alimentar. Beli et al. (2005, p. 136), em trabalho desenvolvido em locais semelhantes também constatou a presença de animais nos lixões em busca de alimentos, que são vetores potenciais de contaminação à população.

O principal problema é que a disposição dos resíduos aproxima esses animais das pessoas que trabalham ou que moram próximo do lixão. Sabe-se que são inúmeras as doenças que são transmitidas por esses animais.

Figura 3. Presença de catadores e suas respectivas moradias no local de descarte de lixo no Distrito Pilar, em Jaguarari/BA.



No lixão também foi encontrado catadores que tiram daquele ambiente o seu sustento diário. De acordo a Figura 3, essas pessoas exercem o contato direto com os resíduos e tem suas residências fixadas no local. Há uma preocupação evidente porque os resíduos sólidos do lixão, como já mencionado, favorecem a proliferação de micro e macro vetores. Esses vetores podem ser vias de acesso de agentes patogênicos para os catadores que realizam as atividades de catação sem qualquer tipo de equipamento de proteção individual. Constata-se também que as suas moradias ficam expostas à riscos físicos e biológicos.

Evidências semelhantes foram encontradas por Santos (2012), verificando-se que, os resíduos sólidos urbanos mal acondicionados significam poluição ambiental e risco à saúde da população, sendo fonte de vetores que disseminam doença à população, contaminação dos solos que pode alcançar o lençol freático, contaminando as águas. Em Bragança essa realidade é vivenciada, pois os resíduos sólidos são acondicionados de forma inadequada, e lançados ao ambiente sem nenhum tratamento, ocasionado odor e sérias doenças, principalmente na população que reside nos lixões, sendo resultado direto da falta de conscientização das pessoas e de políticas públicas.

Os resíduos sólidos do lixão estão expostos a céu aberto conforme na figura 4, portanto, favorecem a proliferação de micro e macrovetores. Esses vetores podem ser vias de acesso de agentes patogênicos para os catadores que realizam as atividades de catação sem qualquer tipo de equipamento de proteção. Suellen em (2008) no seu trabalho realizado Campina grande (PB),descreve as questões do lixão como: Ambientes propícios para a proliferação de macro e micro vetores, como ratos, baratas, mosquitos, bactérias, vírus, dentre outros, que são responsáveis pela transmissão de várias doenças, como leptospirose, dengue, diarreia, febre tifóide, etc.

Em suma, a situação do espaço destinado aos RSU, encontra-se em condições precárias. O lixo que é recolhido na cidade é apenas despejado à céu aberto sem que os cuidados de minimização de impacto ou monitoramento sejam tomados. Desta forma o problema dos resíduos gerados no meio urbano são apenas transferidos para um local afastado, no meio rural, sem a segregação correta.

Existe na cidade a necessidade imediata de um gerenciamento adequado dos resíduos sólidos, para a redução dos impactos ambientais, garantindo uma melhoria na qualidade ambiental. Pretende-se com essas análises mostrar aos geradores que com medidas simples

que já podem está sendo desenvolvidas, mas que precisam de ajustes é possível melhorar o gerenciamento dos resíduos sólidos no Distrito.

Diagnóstico Ambiental geral do lixão do Distrito do Pilar.

De acordo com a entrevista aos moradores próximos do lixão, verificou-se que os componentes ambientais de ordem física, química, biológica vem sendo alterados, ou seja, os impactos ambientais são evidentes e boa parte desses são tidos dentro da modalidade direta. O primeiro deles a ser relatado é o mau cheiro, O que ocasionou não somente o desequilíbrio ambiental, mas também a proliferação de insetos.

Outra adversidade visual são os resíduos lançado, presença de animais, os quais elimina seus dejetos no local, os quais proporcionam o surgimento de doenças, tais como: esquistossomose.

Conforme o questionário aplicado com alguns funcionários da prefeitura da localidade citada, obteve algumas informações em relação à aplicação do projeto de um Aterro Sanitário juntamente com a Cidade Jaguarari, o qual foi iniciado, porém foi interrompido devido à falta de recursos para a finalização do mesmo. É necessário que se aplique um trabalho educacional para toda a população sensibilizando na importância de cuidar do meio ambiente, reduzindo a quantidade de resíduos despejado de forma incorreta. Logo, terá grandes resultados na redução de resíduos melhorando o Distrito Pilar.

Conclusão

De acordo com os resultados obtidos foi detectado a presença de resíduos sólidos dispostos de maneira irregular, proporcionando impactos ambientais, a presença de animais que pode ser fonte de contaminação às pessoas que ali residem.

Contudo, o entendimento sobre a geração dos resíduos sólidos, as noções de repensar suas reais necessidades de consumo, e ainda praticar a separação dos resíduos, visando minimizar a produção de resíduos são atributos a serem alcançados pelos moradores.

Referências Bibliográficas

ABES INFORMA -Informativo Eletrônico da Associação Brasileira de Engenharia Sanitária e Ambiental. **Lixão é Problema em Cidades Pequenas**, no. 287, 25 de Julho de 2012.

ALCÂNTARA, A. J. O. **Composição gravimétrica dos resíduos sólidos urbanos e caracterização química do solo da área de disposição final do município de Cáceres-MT. Cáceres, 2010.** Dissertação (Programa de pós-graduação em Ciências Ambientais), Universidade do Estado do Mato Grosso.

ARAÚJO, B. G. P.; OLIVEIRA JÚNIOR, E. F.; VIEIRA JUNIOR, A. S. **Resíduos Sólidos Urbanos: análise sobre a situação do conjunto Albano Franco – Riachão do Dantas–SE. 2013.**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE LIMPEZA PÚBLICA E RESÍDUOS ESPECIAIS (ABRELPE). **Panorama dos resíduos sólidos no Brasil 2011**

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 10.004: **Resíduos sólidos-classificação. Rio de Janeiro, 2004.**

BELI, E.; NALDONI, C. E.; OLIVEIRA, A.; SALES, M. R.; SIQUEIRA, M.; MEDEIROS, G. A.; HUSSAR, G. J.; REIS, F. A. G. V. **Recuperação da área degradada pelo lixão areia branca de Espírito Santo do Pinhal-SP.**

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2000.

JUNKES, M. B. et al. **Procedimentos para aproveitamento de resíduos sólidos urbanos em municípios de pequeno porte. Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção.** Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.

LEITE, V. D. & LOPES, W. S. **Avaliação dos aspectos sociais, econômicos e ambientais causados pelo lixão da cidade de Campina Grande - PB. In: IX Simpósio Luso - Brasileiro de Engenharia Sanitária e Ambiental.** Porto Seguro - Brasil, 2000, p. 1534-1540.

PEREIRA, S.S; MELO, J.A.B. **Gestão dos resíduos sólidos urbanos em Campina Grande/PB e seus reflexos socioeconômicos. Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional.** v.4, n.4, p. 193-217, Taubaté, SP, 2008.

SANTOS, L. F. P dos. **Indicadores de Salubridade Ambiental (ISA) e sua aplicação para a gestão urbana. 2012.** 131 f. Dissertação (Mestrado em Direito Ambiental e Políticas Públicas), Universidade Federal do Amapá, Macapá.

Silva, J.A.; Souza, V. & Moura, J.M. **Gestão de resíduos sólidos domiciliares em Cuiabá: Gerenciamento integrado. II Congresso Brasileiro de Gestão Ambiental, 2011, Londrina-PR.**

SIQUEIRA, M.M.; MORAES, M.S. **Saúde coletiva, resíduos sólidos urbanos e os catadores de lixo. Ciência & Saúde Coletiva**, v.14, n.6, Rio de Janeiro, 2009.

SUELLEN, MELO. **Gestão dos resíduos sólidos urbanos em Campina Grande/PB e seus reflexos socioeconômicos**, G&DR v. 4, n. 4, p. 193-217, set-dez/2008

ANEXO 1.

QUESTIONÁRIO APLICADO COM ALGUNS FUNCIONÁRIOS DA PREFEITURA

Dados do entrevistado:

Nome: _____

Cargo: _____

1. O município tem projeto para área de disposição final?
2. Existe algum projeto de implantação de Aterro sanitário ou Gerenciamento dos resíduos sólidos urbanas?
3. O que a sociedade já fez para melhorar ou recuperar as características do Lixão?
4. Existe algum trabalho educacional com a sociedade para controlar ou até mesmo acabar com a atividade de lançamento de resíduos disposta de maneira irregular?

ANEXO 2.

QUESTIONÁRIO COM MORADORES QUE MORA NAS PROXIMIDADES DO LIXÃO

Dados do entrevistado:

Nome: _____

Profissão: _____

1. Você mora há quanto tempo nas proximidades do Lixão?
2. Quais as alterações você percebe em relação ao meio ambiente?
3. Mosquitos, insetos maus odores incomodam?
4. Quais alterações você observou no ecossistema do local?

3- Caminhos do rio: casas, fotografias e memória no sertão nordestino.

Jackeline Pinheiro Meira

Resumo

Este artigo faz uma análise das fachadas das casas das cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE como artefatos culturais que podem se constituir “lugar de memória”. Os detalhes arquitetônicos e os afrescos das fachadas remetem às lembranças de outros municípios que nasceram às margens do rio São Francisco, local de referência da pesquisa, que investiga as casas construídas nas duas cidades no final do século XIX e início do século XX, com o objetivo de desnudar possíveis prestígios da arquitetura e como vivem hoje os moradores em casas de influência portuguesa. A partir do registro fotográfico e dos relatos orais dos proprietários das casas pesquisadas, verifica-se aspectos de uma memória subterrânea presente nos testemunhos dos entrevistados e a influência das casas coloniais nos modos de vida e de representação. Utilizando a pesquisa qualitativa do tipo exploratório, relatos de história de vida nos permitiram reconstituir trajetórias sobre o patrimônio arquitetônico relacionado com elementos de identidade, o valor estético atribuído à casa, o valor histórico dos afrescos, as relações sociais e culturais que marcaram a vida em comunidade dos proprietários. Já as fotografias serviram de artefatos para recorrer às memórias que surgem com as narrativas de histórias de vida, inseridas nos contextos sociais.

Palavras chave: Arquitetura. Memória. Fotografia. Sertão. Rio São Francisco.

Caminos del rio: casas, fotografías y recuerdos en el sertão nordestino.

Resumen

Este artículo hace un informe de las fachadas de las casas de las ciudades de Juazeiro/BA y Petrolina/PE como artefactos culturales que pueden se constituir “lugar de memorias”. Los detalles arquitectónicos y afrescos de las fachadas remeten a recuerdos de otros municipios que nacieron en las márgenes del río São Francisco, local de referencia de la pesquisa. La pesquisa investiga las casas construidas en las dos ciudades al final del siglo XIX y principio del siglo XX, con objetivo de desnudar las posibles prestígios de la arquitectura y como viven hoy los moradores en casas de influencia portuguesa. A partir del registro fotográfico y de los relatos orales con los propietarios de las casas pesquisadas, verificase aspectos de una memoria subterrânea presente en los testimonios de los entrevistados y la influencia de casas coloniales en el modo de vida y de representación. Utilizando la pesquisa cualitativa de tipo exploratorio, relatos de historia de vida nos permitieran reconstituir trayectos sobre el patrimonio arquitectónico relacionado con elementos de identidad, el valor estético atribuido a la casa, el valor histórico de los afrescos, las relaciones sociales y

culturales que marcan la vida en comunidad de los propietarios. Ya las fotografías sirvieran de artefactos para recorrer a las memorias que surgen con las narrativas de historias de vida, inseridas en los contextos sociales.

Palabras llave: Arquitectura. Memoria. Fotografía. Sertão. Rio São Francisco

Paths of the river: homes, photographs and memories in the sertão nordestino.

Resume

This article makes a note about the facade of the houses from Juazeiro/BA and Petrolina/PE as cultural artefacts that can constitute a “place of memory”. The architectural details and the afrescos from the facades refer to memories from their municipalities that were born at the São Francisco river banks, referential place of the research. The research investigates the houses built in both towns at the end of the XIX century and beginning of the XX century, with the goal to show the possible prestige of the architecture and how the residents live today in Portuguese influenced houses. From the photographic record and oral reports with the owners of the researched homes, there are aspects of an underground memory present in the testimony of the interviewed and the influence of the colonial houses in the way of life and representation. Using a qualitative research of exploratory type, reports from life history allowed us to reconstruct paths about the architectural heritage related with identity elements, the esthetical value attributed to the house, the historical value of the afrescos, the social and cultural relations that marked the community life of the owners. The photographs served as artefacts to resort to the memories that arise with the narratives of the life histories, inserted in the social context.

Key words: Architecture. Memory. Photograph. Sertão. São Francisco river.

Introdução

Ao longo dos séculos XIX e XX, a região do sub-médio do São Francisco se caracterizou por uma arquitetura pós-colonial com traços do ecletismo, testemunhas das influências culturais e do forte desenvolvimento comercial como entreposto e local de passagem de viajantes.

A influência dessa arquitetura pós-colonial pode ser verificada a partir do patrimônio arquitetônico e dos afrescos e desenhos das fachadas das casas, assim como dos relatos dos moradores. Maria Isabel Figueiredo, neta do barão Enéas Muniz, dono de um dos primeiros sobrados da cidade de Juazeiro, que ainda resiste ao tempo e à modernidade, narra com orgulho a história do sobrado da família, situado no centro de Juazeiro-Bahia.

O sobrado tem uma beleza grandiosa, alusão ao poder existente entre o final do século XIX e o início do século XX. No local, eram realizados saraus e festas de reis, produzidos pelo próprio barão e os familiares, que atribuíam à festa a simbologia de mais um ano de fartura na residência. Festa, ainda hoje lembrada no dia de reis pelas netas do barão Enéas, as senhoras Grassú e Maria Isabel.

Segundo Bebel, como é carinhosamente chamada Maria Isabel, as fachadas naquele tempo indicavam, entre outros, o grau de poder ou de dinheiro que a família proprietária possuía. A depender da classe social, as casas eram construídas com fachadas ornamentadas com diversos desenhos nas platibandas³ e ao redor das janelas, moldadas com a cal, em um composto com óleo de peixe ou baleia que vinha da capital para dar a forma do desenho e a liga.

Elemento presente na construção das casas do século XX, a platibanda se tornou obrigatório a partir do regimento do Código de Postura em alguns estados, inclusive na Bahia (REIS FILHO, 1978). Tinha a finalidade técnica de conduzir o escoamento da água da chuva para a parte lateral da casa, evitando que caísse diretamente na rua, uma vez que a maioria das casas ficava posicionada rente ao passeio. Dessa maneira, evitava-se que as pessoas que faziam uso das calçadas fossem molhadas. A platibanda emoldurava a parte superior das casas e

³ Faixa emoldurada instalada na parte superior das casas ou edifícios, normalmente com a função de esconder o telhado.

representava símbolo da classe social a que pertencia uma família. Muitas vezes, camuflava o tamanho real de uma casa simples.

Ao longo dos anos, as fachadas foram sendo modificadas e muitas delas não têm registro visual, seja por meio da documentação como fotografias, vídeos ou desenhos arquitetônicos que revelassem a originalidade das casas.

Diante da importância dessas fachadas, esses artefatos materiais podem se constituir como “lugares de memória”, visto que são lugares simbólicos que garantem ao mesmo tempo a cristalização da lembrança e a sua transmissão (NORA, 1993, p.7-22). Nessa perspectiva, desenvolvi projeto de pesquisa⁴ para documentar as casas por meio de imagens fotográficas e evidenciar a memória de um tempo.

Neste artigo, buscaremos analisar a imagem das fachadas das casas construídas no final do século XIX e início do século XX em Juazeiro, na Bahia, e Petrolina, em Pernambuco, como parte da memória das cidades e artefatos culturais que podem ser constituir como “lugar de memória”. Além de ser um trabalho de valorização do patrimônio arquitetônico e de construção de uma memória da cidade, havia encontrado um meio de estar mais próxima dessa experiência, um conjunto de reminiscências da minha infância, na cidade de Xique-Xique, atrelado a “causos” cheios de nostalgia.

Assim, analisei as fachadas das casas e realizei registros fotográficos das residências. Para tanto, recorri aos métodos etnográficos por meio da coleta de imagens fotográficas das casas, uma vez que não há documentação visual sobre a maioria das cidades ao longo do rio nos acervos das Bibliotecas Públicas Municipais.

Souza (2002) atenta para o uso da fotografia como documento que registra uma imagem no tempo, uma vez que essas cidades - a começar por onde residi, Juazeiro e Petrolina -, sofrem uma rápida transformação no panorama urbano,

⁴ A dissertação Cal, Barro & Luz: memória e identidade cultural de moradores das casas com desenhos nas fachadas nas cidades de Juazeiro/BA e Petrolina/PE foi apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade, na Linha de Pesquisa, Desenho e Cultura, da Universidade Estadual de Feira de Santana/BA, sob orientação da professora Dr^a Marise de Santana. Cal, Barro & Luz: memória fotográfica do patrimônio arquitetônico de Juazeiro/BA e Petrolina/PE. TCC apresentado no curso de Jornalismo em Múltiplos, na Universidade do Estado da Bahia, sob a orientação da professora Dr^a Andrea Cristiana Santos.

acentuadamente desde a chegada dos projetos de irrigação no Sub-Médio do São Francisco, a partir da década de 1970.

Dessa forma, as fachadas poderão fazer emergir ainda lembranças acerca de pessoas que habitavam a casa, uma vez que algumas podem trazer até insígnias do proprietário, o ano de construção ou formas e desenhos que visualizamos, os costumes e a cultura dos moradores dessas casas. Ao contemplar as imagens das fachadas, muitas vezes ocorre um processo de reconhecimento dos moradores com as suas residências, podendo vir a constituir um laço afetivo, assim como um sentimento de pertencimento e de comunidade.

São também essas fachadas que podem evidenciar as heranças das etnias que, ao longo dos anos, moraram nas cidades e misturaram as suas raízes na cultura predominante dos dois estados, ora pernambucano, ora baiano, berço de um conjunto ainda em construção, herdeiro de muitos povos, portugueses, africanos, holandeses, índios nativos, que ainda hoje contribuem para a arquitetura de uma cultura que a cada dia sofre mudanças.

Para este artigo foram selecionadas oito casas, em que os proprietários/ocupantes estavam disponíveis para facultar o registro dos interiores e para a realização de entrevista. As fotografias documentam casas que atendem a critérios de relevância como: valor histórico; qualidade arquitetônica relacionada a estilos; fruição estética ao despertar sensibilidade pela beleza; valor sentimental, entre outros.

A proposta de pesquisar as casas através da fotografia aliado aos usos e as representações que os proprietários/moradores fazem das casas de influência colonial nos remetem necessariamente para um trabalho de contextualização histórica do desenvolvimento destas regiões.

Assim, na primeira iniciativa de documentar a história dos “sertões de dentro”, como denominava a região em obra de 1907, Capistrano de Abreu (1988) buscou construir uma identidade própria do interior do Brasil, em especial da região nordeste, apresentando extensa argumentação a respeito da vida, dos costumes e dos valores atribuídos por ele aos habitantes locais, fundada na ideia de uma “civilização do couro”, proveniente do desbravamento da região pelos bandeirantes e sua posterior ocupação por criatórios de gado (DINIZ, 2013, p.4).

Atualmente, é significativo o número de escritores sertanejos que retratam a memória das suas cidades, seu povo, seus costumes e a glória do passado. Jorge de Souza Duarte (1985) e Maria Creuza de Sá y Brito (1995) trazem uma leitura sucinta sobre personagens que fizeram a história das cidades ribeirinhas, das construções inseridas nesse contexto e sua importância.

Em Juazeiro e Petrolina, assim como em outras cidades ao longo do rio São Francisco, muito da história foi contada através destes escritores, cujas informações delimitam a trajetória das cidades, e dos que lá moram e moraram com as peculiaridades de cada família, uma vez que, cada época, é narrada conforme fatos e fotografias reveladas pelos historiadores e memorialistas com acervos particulares, como o arquivo de Maria Franca Pires⁵, professora juazeirense que reuniu extenso material sobre a história da educação da cidade, selecionando imagens e fotografias, atualmente sobre a guarda da professora Odomaria Bandeira, da Universidade do Estado da Bahia.

Através dos relatos orais dos moradores procurou-se verificar a relação dos mesmos com as casas e se evidenciou aspectos dos motivos que os levavam a escolher os desenhos, uma vez que as cidades de Juazeiro e Petrolina estavam razoavelmente afastadas dos grandes centros. Construídas entre o final do século XIX e início da década de 1930, as construções revelam a herança histórica herdada dos personagens que a habitaram e habitam como é o caso das que fazem parte desta temática.

Delimitamos o tipo de pesquisa qualitativa, caracterizada por Richardson (2012), como uma tentativa de uma compreensão detalhada dos significados e características situacionais apresentadas pelos entrevistados, em lugar da produção de medidas quantitativas de características ou comportamentos.

Acrescentamos ainda a natureza de pesquisa qualitativa do tipo exploratório que consiste em “uma avaliação de uma situação concreta desconhecida, em um dado local, alguém ou um grupo” (LAKATOS&MARCONI, 1992, p.110).

⁵ O Arquivo da Prof^a Maria Franca Pires: memória e história cultural em pesquisa na região de Juazeiro/BA está localizado na Universidade do Estado da Bahia(UNEB), no Departamento de Ciências Humanas (DCH III). A pesquisa compõe com o levantamento do acervo do arquivo pessoal de uma professora; o inventário de fontes a partir dos materiais levantados do acervo; o estudo da memória ali representada e a reconstituição da história cultural regional.

Investimos ainda na leitura de estudos sobre fotografia e cultura material, técnicas de entrevistas e de registro fotográfico das casas. As entrevistas foram usadas com a finalidade de analisar as percepções dos moradores em relação aos usos das casas de influência colonial, o que pode variar segundo o contexto que estão sendo inseridas. Richardson (2012) compreende a entrevista como uma técnica importante que permite o desenvolvimento de uma estreita relação entre as pessoas. É uma comunicação bilateral.

As fontes orais, resultantes do trabalho de entrevistas no campo de estudo, se associaram ao registro fotográfico para compor um conjunto de dados que são trabalhados à luz da problemática da memória, do patrimônio e da etnicidade nos processos de ocupação e elaboração das identidades locais.

A fotografia se constitui como instrumento metodológico primordial. Ela é usada como duplo recurso metodológico. Por um lado, o registro fotográfico permite constituir um banco de imagens. Por outro lado, as fotografias foram usadas para, através da técnica de foto-elicitación⁶, conduzir as entrevistas realizadas.

Segundo Milton Guran, (1992, p.15), a fotografia é uma extensão da nossa capacidade de olhar e se constitui em uma técnica de representação da realidade que, pelo seu rigor e particularismo, se expressa através de uma linguagem própria e inconfundível.

Numa fotografia há um universo de sentidos, a imagem tem várias camadas de sentidos. Há os objetos, que podem ser literalmente descritos. Mas também há os processos sociais que fazem aparecer os objetos que se veem na fotografia. Existe também o valor que as pessoas atribuem relacionados aos processos sociais e aos objetos.

Do patrimônio à memória

Com o crescimento das cidades devido ao comércio, casas e casarões começam a surgir no início do século XX nas cidades de Juazeiro e Petrolina. O estilo neoclássico com características trazidas da Europa para o Brasil fazia jus as

⁶ Técnica que usa a fotografia como suporte da entrevista, uma alternativa às entrevistas clássicas.

fachadas encontradas no interior, muitas vezes cópias de fachadas encontradas nas capitais.

As casas eram construídas em adobe a partir de uma mistura de barro e folhas, como tijolos artesanais. Segundo Nei Barbosa, 47 anos, mestre de obras e morador da Rua Conselheiro João Alfredo, número 2007, em Petrolina, a reforma dessas casas precisa de uma preparação prévia, como o isolamento do barro com telhas, para depois colocar a cal e, por último, a pintura, e que dificilmente acertam os detalhes.

Nei fala com emoção sobre a dificuldade de manter a casa com a fachada original, já que a cidade não dispõe de profissionais que saibam trabalhar nas platibandas sem prejudicar os desenhos. Ele alerta sobre o rompimento dos laços familiares de alguns moradores para com as fachadas das casas, devido a essa dificuldade e também a modelos mais modernos de fachadas com garagens, varandas e jardins que fazem parte hoje da nova morada.



Figura 1: Platibanda na casa de Idelzuite e Nei Barreto
Fonte: Acervo Pessoal Jackelina Kern

Dona Celita, de 78 anos, proprietária de uma residência na cidade, que ainda preserva uma platibanda, confessa que a reforma mais significativa que fez na casa foi construir uma varanda:

Sempre foi assim desde a época da minha mãe e não quis mexer, deixei como ela gostava. Agora a varanda é por que não tinha jeito, foi preciso, sempre ficamos sentados na porta, agora podemos ficar na

varanda que é tão fresco quanto a porta. Tá tendo muita coisa aqui na redondeza, muita violência e já não podemos sentar na porta. Mas é bonito também essa fachada aí em forma de risco.

Muitas vezes, existe a necessidade de mudanças nas residências, seja por situação de crescimento familiar, estrutura das casas ou mesmo por falta de profissionais capazes de trabalhar a cal e o barro, situação essa mais comum entre os entrevistados.

Stellita Santana conta que, devido à falta de profissionais, todos os desenhos e pinturas que havia dentro de casa, assim como na sala de visitas, foram se apagando com o tempo por não encontrarem um profissional que recuperasse a pintura nas paredes.



Figura 2: Casa de Stellita Santana e Déa Raquel, Petrolina/PE
Fonte: Acervo Pessoal Jackelina Kern

Se atualmente não existem profissionais que trabalhem com os desenhos de platibandas, as pinturas no teto e nas paredes, quem eram, afinal, esses artífices que tão bem trabalhavam a cal?

Filho (1978, p. 54) relata que:

Conservando-se ainda as técnicas de construção e uso dos edifícios, largamente apoiados na abundancia de mão-de-obra mais grosseira e, em pequena parte, artesanal, era natural que se repetissem os esquemas de fins de século XIX, com soluções mais ou menos rústicas, com edifícios sobre o alinhamento da via pública, a revelar, em quase todos os detalhes, os compromissos de um passado ainda

recente com o de trabalho escravo e com os esquemas rígidos dos tempos coloniais.

Nos registros encontrados na Casa dos Artífices, fundada no ano de 1928, com o nome Sociedade Beneficente dos Artistas juazeirenses, criada pelos trabalhadores na arte da construção como pedreiros, marceneiros, carpinteiros e pintores, cuja organização marcou a vida administrativa e urbanística da cidade, não encontramos documentos no local pela degradação que sofreu ao longo dos anos.

Hoje sob os cuidados da senhora Flor de Maria Bandeira e alguns sócios, que colaboram com uma quantia simbólica, a fachada continua preservada assim como o seu maior bem: a porta desenhada pelos artífices da época, como Saul Rosa e Cecílio Matos.

Na cidade de Juazeiro, a partir das entrevistas com moradores, notamos que desagrada o processo de destruição do patrimônio e das fachadas. O visual externo das casas que enobrece as duas cidades caminha com o desenvolvimento, atraindo novos moradores que aprovam a manutenção do centro histórico das cidades. Já foram realizadas muitas manifestações em Juazeiro pela falta de preservação das casas que não são regulamentadas como patrimônio, embora já tenha havido várias tentativas para que esse acontecimento viesse a ser uma realidade.

Em Petrolina, existe hoje a rua que foi designada de Petrolina Antiga por causa da existência dos casarões que ainda resistem. No passado, foram depósitos de algodão da família Coelho, família de comerciantes e políticos da cidade como Nilo Coelho, que foi Governador e Senador do Estado de Pernambuco.



Figura 3: Antigos Armazéns de Algodão da Família Coelho em Petrolina
Fonte: Arquivo Pessoal Jackelina Kern

Casas construídas no início do século XX, com suas belas platibandas decoradas, tornaram-se referência principalmente no quesito gastronômico da cidade, desde o ano de 2003 até os dias atuais. São desenhos geométricos de grande beleza que imediatamente instigam os nossos olhares para o alto, uma vez que, no resto da fachada compreendemos não haver além dos janelões, algo capaz de chamar tanta atenção como as platibandas e as cores.

Com desenhos escalonados, comum no sertão do Brasil, os armazéns da Petrolina antiga se destacam pelo estilo colonial brasileiro de uma porta e duas janelas, com as bicas não mais na parte superior da fachada. Assim como quando as portuguesas que chegavam ao Brasil não podiam molhar ou sujar as suas vestes com a água que caía do telhado, a região do vale utiliza do exemplo e começa a dar lugar às platibandas.

O status social também começa aqui a ser definido com a arquitetura e outros elementos utilizados como janelas ornamentadas, estátuas, rigor métrico, frontões com suas linhas curvas e vidros coloridos, que normalmente vinham da Europa. Reis Filho (1978, p. 142) alerta que:

É interessante observar que, mesmo consideradas todas as adaptações sofridas no Brasil pelo Neoclassicismo ou por outros movimentos artísticos, verifica-se uma tendência, justamente nas camadas consumidoras dessa arte, para afirmar a sua desnacionalização e o seu caráter exclusivo de importação, bem como a ausência nela de originalidade e de valor artístico próprio. Essa posição correspondente a uma tentativa de provar a perfeição desses copismos, e portanto o

caráter europeu dessa arquitetura e de seus proprietários, mas significa ao mesmo tempo uma negação da vida local e, em última análise, da história local e de si mesma.

Seguindo a discussão levantada por Reis Filho, as platibandas presentes nas casas de proprietários mais abastados dispunham de objetos como louças do Porto, como compoteiras, vasos e bichos. Já os desenhos dispostos nas casas de pessoas com menor poder aquisitivo, os afrescos são mais simples e fazem alusão aos trilhos de trem, estradas e rodas.



Figura X. Platibanda vazada em Juazeiro/BA Casa do Barão Enéas.
Fonte: Arquivo pessoal Jackelina Kern

Ainda assim, por meio da sabedoria popular, a comunidade manteve suas tradições, a visibilidade que ora adentra o pensamento de um povo, é colocada como um marco de conquistas pela imprensa, pelos moradores juazeirenses e petrolinenses através da valorização do que somos enquanto cidadãos culturais. Os eventos promovidos por pessoas e entidades, ainda que sem fins lucrativos, exploram e divulgam o saber local e transformam o pensar - principalmente dos menos favorecidos - em relação ao que denominamos cultura.

Ruskin (2008, p.54), desenhista e crítico de arte nos diz que:

É como centralizadora e protetora dessa influência sagrada, que a Arquitetura deve ser considerada por nós com a maior seriedade. Nós podemos viver sem ela, e orar sem ela, mas não podemos rememorar sem ela. Como é fria toda a história, como é sem vida toda fantasia, comparada àquilo que a nação viva escreve, e o mármore incorruptível ostenta! – quantas páginas de registro duvidosos não poderíamos nós dispensar, em troca de algumas pedras empilhadas umas sobre as outras! A ambição dos construtores da velha Babel volta-se para esse

mundo: há apenas dois fortes vencedores do esquecimento dos homens, Poesia e Arquitetura; e a última de alguma forma inclui a primeira, e é mais poderosa na sua realidade: é bom ter ao alcance não apenas o que os homens pensaram e sentiram, mas o que suas mãos manusearam, e sua força forjou, e seus olhos contemplaram, durante todos os dias de suas vidas.

Ruskin (2008) analisa que a arquitetura é a arte que dispõe e adorna de tal forma as construções erguidas pelo homem, para qualquer uso, que vê-las pode contribuir para sua saúde mental, poder e prazer. Fazer as pessoas entenderem que nas fachadas pode estar contida parte da memória de uma cidade, através da imagem visual e da história de cada casa, pode favorecer a interação da história individual que passará a ser coletivo em um futuro próximo.

Pensei como essas pessoas poderiam identificar que arquitetura é também memória, é história, que faz parte não só da vida de quem herdou o patrimônio, a construção arquitetônica, mas que, e primordialmente, faz parte de uma memória coletiva e individual.



Figura 5: Antiga Estação de Juazeiro/BA
Fonte: Acervo pessoal Jackelina Kern

Halbwachs (2008, p.75) enfatiza que um acontecimento só toma lugar na série dos fatos históricos algum tempo depois de ocorrido. Portanto, somente bem mais tarde é que podemos associar as diversas fases de nossa vida aos acontecimentos nacionais. Até então as nossas memórias ficam ali guardadas tentando encontrar um meio de evolução de fatos acontecidos ou silenciadas para sempre.

Como diz Pollack (1989, p.6) distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é reconhecer a que ponto o presente colore o passado. Conforme as circunstâncias ocorrem à emergência de certas lembranças, a ênfase é dada a um ou outro aspecto.

Nesse sentido, o reconhecimento na memória coletiva depende, por vezes, do que reconhecemos e exteriorizamos da nossa memória individual. Uma busca daquilo que queremos dentro de nós para que possa firmar o pensamento e a cultura ao nosso redor, em torno das pessoas com quem convivemos e nos locais por onde passamos e nos enxergamos parte dessa cultura.

Dessa maneira, a memória ativada em torno de nós mesmos é expandida aos costumes daquilo que nos rodeiam e de fatos que nos marcaram no plano coletivo. Deste modo, compreendo que a preservação do patrimônio, assim como a memória, faz parte de uma discussão que ultrapassa o sentido individual. É preciso que a nossa memória individual se beneficie da dos outros para que a lembrança que os outros nos trazem possa ser objeto de uma reconstrução sobre uma base comum. É como se estivéssemos diante de muitos testemunhos.

Podemos reconstruir um conjunto de lembranças de maneira a reconhecê-lo porque eles concordam no essencial, apesar de certas divergências (HALBWACHS, 2008). O reconhecimento de certas recordações, por vezes, é a base das discussões entre pessoas que vivenciaram as mesmas emoções e retrocederam nelas.

Pesquisar a história da coletividade sobre o patrimônio arquitetônico reforça o desejo de que, no futuro, a sociedade presente conheça o passado, ainda que pensemos que nada dura para sempre, inclusive nós. Mas ao pensar que partimos e que a nossa história ficou construída através dos nossos pertences, das nossas ações e daquilo que construímos, o reconhecimento das novas gerações nas tradições de um povo, torna-se o impulso na preservação do patrimônio e da memória.

É através da memória que vivemos na transição constante das formas culturais determinadas pelos nossos antepassados, pela nossa sociedade, pela cultura do nosso povo. Contudo, a cultura pode ser manifestada pelas práticas sociais, à exemplo das construções arquitetônicas e das formas de

empoderamento introduzidas por elementos paisagísticos, à citar os elementos decorativos nas platibandas e os assoalhos nos sobrados.

Referências

- ABREU, João Capistrano de. **Capítulos de História Colonial**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1988.
- BRITO, Maria Creuza de Sá y. **Petrolina, origem, fatos, vida, uma história**. Imprensa Tribuna do Sertão. 1995.
- DINIZ, Nathalia Maria Montenegro. **Um sertão entre tantos outros: fazendas de gado nas Ribeiras do Norte**. Tese de doutorado. São Paulo: 2013.
- DUARTE, Jorge de Souza. **Juazeiro nos caminhos da história**. Juazeiro: Imprensa Rocha Ltda. 1985.
- GURAN, Milton. **Considerações sobre a constituição e a utilização de um corpus fotográfico na pesquisa antropológica**. Texto apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP – Universidade de São Paulo como parte integrante do relatório final de pós-doutorado (2004-2005). Consultado a 21.02.2016.
- HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- LAKATOS, Eva e Marconi, Marina. **Metodologia do Trabalho Científico**. SP: Atlas, 1992.
- LOPES, Sérgio Marcelino da Motta. **Juazeiro: entre o rio e a história: delimitação, inventariação e requalificação de áreas de interesse histórico-arquitetônico em Juazeiro da Bahia**. Trabalho de Conclusão de Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Universidade Federal do Ceará, Outubro de 1999.
- NORA, Pierre. **Entre história e memória: a problemática dos lugares**. Revista Projeto História. São Paulo 1993, p.21-22
- POLLACK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989.
- REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da Arquitetura no Brasil**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.
- RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2012.
- RUSKIN, John. **Art and Illusion**. New York, 1960.

Fontes orais

Maria Isabel Figueiredo, historiadora, memorialista, professora. Entrevistada nos dias 22 de maio de 2010 e 07 de junho de 2010 na sua residência no Condomínio Country Club.

Stelitta Santana, entrevistada no dia 05 de agosto de 2010 na residência Rua Conselheiro João Alfredo, 2009.

Nei Barbosa, entrevistada no dia 19 de setembro de 2010 na residência a Rua Conselheiro João Alfredo, 2007.

Celita Ribeiro, entrevistada na Igreja Nossa Senhora Rainha dos Anjos em Petrolina/PE no dia 26 de outubro de 2011.

Acervo

Projeto de pesquisa e extensão O Arquivo de Maria Franca Pires: Memória e História Cultural em Pesquisa na região de Juazeiro-BA, coordenado pela professora Odomaria Bandeira Macedo, DCH III – UNEB.

4-Na Sombra dos Parreirais: condições de trabalho e segurança das mulheres que atuam na produção de uvas finas de mesa no Submédio São Francisco

Sheila Feitosa

RESUMO

O presente artigo busca apresentar as condições de trabalho e segurança do trabalho feminino na produção de uvas finas de mesa no Submédio São Francisco. A pesquisa englobou apenas as trabalhadoras que atuam no campo e no *packing house*, local onde é feita a embalagem das frutas, geralmente realizado por mulheres, por serem consideradas as etapas mais importantes no processo de produção das uvas. Os resultados demonstram que, apesar do Vale São Francisco ser um grande polo de produção e exportação de frutas, as condições de trabalho das mulheres nas fazendas de uva ainda são desfavoráveis. Os resultados demonstram que apesar do Vale São Francisco ser um grande polo de produção e exportação de frutas, as condições de trabalho das mulheres nas fazendas de uva ainda são desfavoráveis. A pesquisa revelou também que a uva é a principal protagonista no cenário da fruticultura irrigada e as trabalhadoras que conciliam as tarefas domésticas desempenhadas no seio familiar (dona de casa, mãe e esposa) e as atividades realizadas nas empresas agroindustriais, aparecem apenas como componentes no plano de fundo da produção e não como verdadeiras protagonistas dessa produção.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Segurança. Trabalho. Saúde. Parreirais.

In the Shadow of grapevines: working conditions and safety of women working in the production of fine table grapes in Creative Commons License

ABSTRACT

This article seeks to present the working conditions and safety of female labor in the production of fine table grapes in the Creative Commons License. The research involved only the workers who work in the field and packing house, where it is made the packaging of fruit, usually performed by women, because they are considered the most important steps in the grape production process. The results show that despite the San Francisco Valley is a major hub of production and export of fruit, the working conditions of women in grape farms are

still unfavorable. The results show that despite the San Francisco Valley is a great pole of production and export of fruit, the working conditions of women in grape farms are still unfavorable. The survey also revealed that the grape is the main protagonist in the scenario of irrigated fruit growing and working to reconcile domestic tasks performed within the family (housewife, mother and wife) and activities in the agro-industrial companies, appear only as components in background of production and not as true protagonists of this production.

KEYWORDS: Women. Safety. Job. Health. Grapevines.

A la sombra de la vid: las condiciones de trabajo y seguridad de las mujeres que trabajan en la producción de uva de mesa finos en Creative Commons License

RESUMEN

En este artículo se pretende presentar las condiciones de trabajo y seguridad de trabajo de la mujer en la producción de uva de mesa finos en la licencia Creative Commons La investigación que participan sólo los trabajadores que trabajan en la casa de campo y el embalaje, en donde se hace el envasado de fruta, por lo general realizado por las mujeres, ya que son considerados los pasos más importantes en el proceso de producción de uva. Los resultados muestran que a pesar del Valle de San Francisco es un importante centro de producción y exportación de frutas, las condiciones de trabajo de las mujeres en las explotaciones de uva siguen siendo desfavorables. Los resultados muestran que a pesar del Valle de San Francisco es un gran polo de producción y exportación de frutas, las condiciones de trabajo de las mujeres en las explotaciones de uva siguen siendo desfavorables. La encuesta también reveló que la uva es el protagonista en el escenario de la fruta regada creciendo y trabajando para conciliar las tareas domésticas realizadas dentro de la familia (ama de casa, madre y esposa) y las actividades en las empresas agroindustriales, sólo aparecen como componentes de fondo de la producción y no como verdaderos protagonistas de esta producción.

PALABRAS CLAVE: las mujeres. Seguridad. Trabajo. Salud. Vid.

INTRODUÇÃO

A região do Vale do São Francisco tem ocupado espaço significativo nos mercados internacionais, devido à produção de frutas para exportação. Um dos grandes destaques da economia regional é a produção de uvas finas de mesa, que são comercializadas tanto no Brasil quanto no exterior para o consumo *in natura*. A área atual de produção das videiras na região corresponde a aproximadamente 12,2 mil hectares, que favorece a expansão da produção de uva e dos seus derivados, como vinhos e sucos. (CODEVASF, 1999 *apud* SOARES, LEÃO, 2009).

Apesar da fruticultura do Vale do São Francisco proporcionar o desenvolvimento regional, o acesso à produção e aos tipos de atividades que são desempenhadas pelos trabalhadores e trabalhadoras rurais, em especial as mulheres, nos perímetros irrigados, é pequeno. Também existe pouca informação a respeito das condições de vida e trabalho dessas pessoas (OLIVEIRA, 1998).

A luta pelo direito de ser protagonista da sua própria história é um desejo antigo do público feminino, que por muito tempo foram pensadas com base na sua condição biológica de ser mãe e cuidar da família (GROSSI, 1998). As desigualdades existentes entre homens e mulheres, no meio rural ainda é considerado algo aceitável e não um fruto de um processo de repressão, onde as mulheres eram colocadas em situações submissas e este é um assunto que requer muita atenção nas atividades desenvolvidas por mulheres na fruticultura da região (SAFFIOT, 2013).

No caso da produção de uvas finas, essas desigualdades ainda são frequentes. As tarefas consideradas mais pesadas, como por exemplo, a preparação do solo, a aplicação de agrotóxicos, a adubação, são desempenhadas pelos homens. Cabe às mulheres realizar tarefas consideradas, dentro da produção, como mais “leves”. De acordo com Oliveira (1998), a escolha pelo público feminino se dá, devido à delicadeza e habilidades das trabalhadoras com as mãos. Assim, é responsabilidade das mulheres ralear⁷ a uva, pentear⁸ e tirar a gavinha⁹, colher e embalar os frutos.

⁷ Atividade de desenhar os cachos, geralmente realizada por mulheres.

⁸ É uma espécie de poda para renovação dos cachos de uva.

⁹ Retirada de uvas podres do cacho.

As atividades de ralear, pentear, desbastar são de grande importância no processo produtivo da uva, por ser nestas etapas que se definem a conformação, a beleza e o tamanho do cacho, características que irão influir na sua classificação e, como consequência, no seu preço (OLIVEIRA, 1998, pag. 86).

Uma das tarefas exclusivas das trabalhadoras da uva é o raleio, atividade de folga e retirada de frutas pequenas, que ajuda a dar forma e beleza aos cachos para a comercialização. Por isso, Oliveira (1998) vai reiterar que os trabalhos desempenhados pelas mulheres em fazendas produtoras de uva é uma atividade difícil e de grande responsabilidade, pois qualquer erro pode comprometer a venda do produto. No entanto, por serem consideradas atividades “leves”, percebe-se que as funções desempenhadas por tratadas como algo de menor valor.

A presente pesquisa justifica-se por buscar ser um instrumento de divulgação e informação sobre as condições atuais de saúde e segurança do trabalho feminino no campo, além de dar visibilidade à importância do trabalho desempenhado dentro de empresas produtoras de uvas finas de mesa. A pesquisa englobou apenas as trabalhadoras que atuam no campo, com as atividades de desponta, despenca, limpeza, pré-limpeza e colheita e no *packing house*, local onde é feita a embalagem das frutas, geralmente realizado por mulheres, por serem consideradas as etapas mais importantes no processo de produção e embalagem das uvas.

Para a execução do presente estudo foi utilizado como métodos de averiguação a pesquisa de campo e a observação participativa das condições de trabalho e de vida das artesãs da uva. Também realizou-se o processo de pré-entrevistas para a construção do roteiro de questões e para a elaboração deste, foi realizado processo de perguntas de perguntas semi-estruturadas.

AS MULHERES E O TRABALHO RURAL

Durante muito tempo o patriarcalismo, sistema autoritário e opressor onde as mulheres eram tratadas de forma desigual e submissa, ditava as regras que, segundo o sistema, garantia a felicidade das mulheres. Esse mesmo sistema, de acordo com Saffioti (2013), acreditava que o casamento era o sinônimo de alegria e felicidade do público feminino e por meio dele, as

damas alcançavam uma determinada posição social e econômica respeitável, da qual deviam obediência aos maridos, fazendo-lhes tudo o que eles desejassem.

Sardenberg e Macedo (2011) reforçam que as mulheres eram pensadas socialmente como “fêmeas da espécie” e sua vida era definida com base na sua constituição biológica de ser mãe. Dessa forma, a responsabilidade de cuidar da educação dos filhos era exclusivamente delas. Por outro lado, apesar de serem importantes para a economia, elas eram tratadas de forma inferior, quando suas funções eram igualadas a posição jurídica, social e política do homem. Ainda de acordo com Saffioti (2013), como o nível de produtividade feminino era inferior ao trabalho desempenhado pelo público masculino, não era imposto a estas a possibilidade de exclusão das trabalhadoras da produção, mas o seu desempenho era visto de maneira inferior e totalmente desvalorizado.

O envolvimento feminino com o trabalho agrícola é antigo e considerado uma das principais formas de emancipação feminina, é o que afirma Koss (2000, *apud* Biase 2007). Apesar de desempenharem a mesma jornada de trabalho que o público masculino, nas lavouras as camponesas eram vistas apenas como “ajudantes” do marido, pois tinham que, além de realizarem atividades com os maridos, se responsabilizarem pelos afazeres domésticos. Nesse sentido, é importante destacar que, desde o surgimento da agricultura que as mulheres têm contribuído de forma significativa para a produção de alimentos, e que teria sido elas as responsáveis por dá início as tarefas agrícolas no campo.

O desenvolvimento da agricultura só foi possível, depois que a função da semente no desenvolvimento de novas plantas se tornou conhecida. Assim, a introdução de sementes em um determinado espaço da terra, [...] foi o fator determinante da passagem da coleta para o plantio, uma significativa revolução cultural iniciada pelas mulheres. [...] Ao fazerem crescer os produtos da terra, as mulheres associaram a fecundidade à fertilidade. Os estudiosos concordam em atribuir a invenção da agricultura às mulheres. Como coletoras, elas adquiriram um conhecimento dos vegetais, flores e frutos e puderam aprender, pela experiência direta e pela observação contínua, o processo de semeadura e germinação do mundo natural. Passo seguinte, o reproduziram intencionalmente (KOSS, 2000 *apud* BIASE, 2007, p. 03).

As mulheres eram consideradas seres frágeis, tanto física quanto mentalmente, e cabia a elas apenas a função de ajudantes dos maridos no campo. Não tinham direito a estudar e eram vistas como algo inútil, responsáveis apenas pelos afazeres domésticos. Era levado apenas em consideração a capacidade biológica feminina de gerar descendentes que poderiam ajudar nas atividades no campo (TEDESCHI, 2004). O mesmo autor vai dizer que um dos

principais pontos da desigualdade existente entre os gêneros era a educação, uma vez que as moças aprendiam tarefas femininas e os rapazes ações realizadas pelo público masculino. Enquanto os homens eram preparados para competir e comandar, as mulheres aprendiam a cuidar dos familiares, do casamento e do lar.

Tanto no ambiente rural quanto no urbano, as diferenças e hierarquias de gênero sempre persistiram. Dessa forma, os homens eram considerados como os chefes das famílias e as esposas as donas de casa que se preocupavam com os filhos, a organização do lar, além de serem as responsáveis por repassarem para as filhas os ensinamentos de como serem boas donas de casa (PERROT, 2008). Assim, cabiam aos homens as funções consideradas mais pesadas, como cuidar do cultivo, arar a terra. A mão de obra feminina, neste caso, era desvalorizada, e o seu uso era feito apenas como ajuda temporária na produção, sendo desconsiderado o fato de após o trabalho na lavoura, estas voltariam para casa, com a obrigação de fazerem, sozinhas, o almoço dos filhos, que estavam ajudando os pais na roça; das filhas que eram prendadas para serem boas esposas; e dos maridos, que por passarem bastante tempo trabalhando, não tinha condições de ajudá-la nas tarefas domésticas.

[...] Na roça, não obstante seja poupada dos trabalhos mais rudes, sua contribuição pode ser igualada a do homem. Ao lado desse trabalho, cujo produto constitui parcela dos meios de subsistência da família, a mulher realiza ainda todos os serviços domésticos, aí incluindo o cuidado de numerosos filhos. Esta situação de sobrecarga da mulher na sociedade sexual e econômica conjugal não lhe confere, entretanto posição de paridade com o marido a não ser a intimidade do lar-longe, portanto, de estranhos (SAFFIOTI, 2013, p. 262).

Para Oliveira (1998), a agricultura se tornará no Brasil, em 1987, uma importante fonte geradora de empregos para a população feminina. Elas vão começar a vender a sua força de trabalho nos períodos de entressafra para grandes e pequenas empresas como forma de contribuir para redução das despesas no lar. Tantos os trabalhadores quanto as trabalhadoras eram chamados para atuar como empregados efetivos ou com contratos temporários, que são chamados de volantes¹⁰.

Uma das relações de trabalho mais antigas na agricultura é o colonato, atividade que, no século XIX, era utilizada nas fazendas de café no Brasil, como forma de substituir a mão de obra do imigrante europeu. Nesse tipo de serviço, as unidades familiares eram contratadas

¹⁰São diaristas que não tem nenhum vínculo com a empresa que contratou seus serviços.

e o trabalho das mulheres e crianças, que já estavam incluídas nos contratos trabalhistas que exigiam que pelos menos um membro, tivesse idades entre 12 a 15 anos (PRIORE, 2004).

Nas fazendas de café as famílias de colonos tinham que cuidar de uma quantidade da plantação, em troca do sustento da família, além da prestação de outros serviços aos patrões, que poderiam ser remunerados ou não, e em troca, a família teria direito de plantar culturas de subsistência e moradia gratuita.

As mulheres eram obrigadas a enfrentarem, de acordo com Priore (2004), longas e intensas jornadas de trabalho, muitas vezes sozinhas, que geralmente tinha início cedo e encerrava de madrugada.

No espaço da casa, as mulheres continuavam arcando com todo o trabalho doméstico, realizado durante uma jornada extremíssima. Suas vidas, especialmente se mães, resume-se ao trabalho. Levantando-se em geral 4h da manhã, preparam a comida para elas e os demais membros da família que trabalham fora e também para os que ficam na casa. Às 6h ‘pegam’ o caminhão para uma jornada de trabalho de nove a dez horas, inclusive aos sábados. Ao chegarem em casa, por volta das 18h às 19 h, ainda vão preparar o jantar, lavar roupas, limpar a casa e cuidar dos filhos, podendo receber ajuda de outras mulheres, pois a participação masculina no trabalho doméstico é muito rara. Nunca dormem mais do que seis horas por dia. Aos domingos dedicam-se às tarefas domésticas. Raramente sobram-lhe tempo para o lazer. (PRIORE, 2004, p. 472).

Comparando a rotina de trabalho das mulheres que atuam no campo, atualmente e no *packing house* das empresas produtoras de uvas do Vale do São Francisco, percebe-se que não se diferenciam da citada por Priore (2004). Geralmente, as trabalhadoras da uva acordam no horário de 3h30 e 4h, fazem o almoço, preparam a marmita, colocam as roupas de trabalho, deixam os lanches e as fardas escolares dos filhos e filhas arrumadas e seguem para sua rotina diária que acontece de segunda a sexta, e em semanas alternadas, de segunda à sábado (OLIVEIRA,1998).

O PROGRESSO DAS MULHERES EM UMA SOCIEDADE MACHISTA

Uma das principais conquistas femininas foi o acesso a educação, não apenas a doméstica, voltada para o casamento, como a escolarizada. No entanto, a educação feminina era diferente da que era aplicada aos homens, e as mulheres passaram a reivindicar as mesmas condições de ensino dos homens nas escolas, apesar da grande resistência social (SAFFIOTI, 2013).

Outras progressos importantes foram às lutas por direitos essenciais como votar, escolher um parceiro para se relacionar, trabalhar fora dos domicílios e a opção de ter ou não filhos. O direito ao trabalho foi uma conquista importante para as mulheres, mesmo com a resistência social que as colocavam em situações submissas. Elas ainda continuam convivendo com a dupla jornada de trabalho, tornando-se responsáveis por cuidarem sozinhas do lar (SAFFIOTI, 2013). Silveira e Freitas (2007) ainda apontam que, além da dupla jornada de trabalho, as mulheres ainda convivem com o fator da desigualdade entre os sexos no mercado de trabalho e que são marcadas, por exemplo, por diferenças salariais até os dias atuais.

Apesar de ter colocado em xeque a questão do trabalho feminino, a industrialização trouxe mudanças negativas para as mulheres na medida em que elas teriam que se preocupar com a dupla jornada de trabalho: uma em casa e a outra na fábrica. Outros fatores também as preocupavam, como a redução de salários. Os trabalhadores, de acordo com Perrot (2008), tinham medo da concorrência feminina e defendiam a ideia de que os homens deviam ser os responsáveis pelo sustento familiar e as mulheres ficavam responsáveis por cuidar da educação dos filhos.

A inserção das mulheres no mercado de trabalho infelizmente não alterou a situação de desigualdade entre os sexos, na verdade acabou deixando-a mais evidente, como explica Silveira e Freitas (2007).

As condições de inferioridade das mulheres são evidenciadas no contexto social: é alta a taxa de desemprego em trabalhos precários; recebem salários mais baixos que os dos homens, mesmos com níveis de escolaridade mais elevados (IBGE). Ocupam poucos postos de chefia e de supervisão; cumprem uma jornada de trabalho maior, uma vez que conciliam o trabalho doméstico com o profissional (SILVEIRA, FREITAS 2007, p. 16).

Segundo Hirata (*apud* SILVEIRA E FREITAS, 2007), mesmo com o aumento do número de mulheres na década de 1980 em altos postos de trabalhos nos escritórios, elas ainda não tinham parte dos seus direitos garantidos, pois era negado a elas o acesso aos planos de carreira e assinavam contratos temporários que não lhes davam garantias trabalhistas. Dessa forma, o sistema econômico vigente será o responsável por delinear os espaços

existentes no mercado de trabalho e as atividades desempenhadas e as mulheres vão buscar se adaptar a essa situação.

No Brasil, na década de 1980, aconteceram mudanças no que diz respeito à ocupação de postos de trabalhos entre homens e mulheres. Estudos realizados por Bruschini (*apud* SILVEIRA E FREITAS, 2007) afirmam que, durante a década de 1980 e 1990, as trabalhadoras conquistam um grau maior de instrução e conhecimento. Em alguns setores esse fator possibilitou o aumento do reconhecimento das tarefas desempenhadas por mulheres no mercado do trabalho, remunerações mais altas que permitiram a saída das mulheres da dupla jornada de trabalho, uma vez que elas tinham a possibilidade de pagar outras mulheres para ficar responsável pelos afazeres do lar.

QUEM SÃO AS TRABALHADORAS DA UVA DO VALE DO SÃO FRANCISCO?

No Submédio São Francisco, o quantitativo de mulheres atuando na fruticultura da região, com serviços de forma fixa ou temporária, é superior ao número de homens nesta atividade, chegando a 60% da força de produção, de acordo com estudos realizados por Branco e Vainsencher (*apud* SILVEIRA e FREITAS, 2007). As trabalhadoras que atuam na produção de uvas finas têm importância fundamental no processo de produção e comercialização. Mesmo que algumas atividades desempenhadas por elas sejam consideradas complicadas e de grande importância para a comercialização dos produtos, suas tarefas ainda são vistas como inferiores, quando comparadas, as que estão sendo realizada pelo público masculino (SILVEIRA E FREITAS 2007).

De acordo com estudos realizados por Cunha (2006 *apud* SILVEIRA e FREITAS 2007), a força de trabalho feminina no trato com a uva é utilizada em atividades como a despenca, despontamento de ramos, limpeza, pré-limpeza, raleio, colheita, seleção e embalagem dos frutos que são realizadas no período de entressafra. Com base nisso, suas atividades, ainda segundo esse autor, não são legalmente reconhecidas e por serem consideradas tarefas de fácil manejo, muitas empresas não oferecem treinamentos para esses fins. A força de trabalhado feminina, como já citado, será visto apenas como uma ajuda, que seria utilizada quando o trabalho desempenhado pelos maridos não contemplasse a produção. (CUNHA *apud* SILVEIRA e FREITAS 2007).

Segundo os estudos realizados por Josefa Cavalcanti (1996), a produção de uvas finas de mesa para mercados internacionais deve seguir as exigências definidas pelas empresas e países compradores, relacionados às condições ambientais e tecnológicas, que dizem respeito ao tempo de produção, entrega e armazenamento da mercadoria, assegurando assim a qualidade das uvas comercializadas. Cavalcanti (1997) ainda explica que atender as exigências do mercado, com a introdução de novos recursos tecnológicos na viticultura, significa reduzir/substituir a mão de obra existente por outra mais qualificada, e esse fator pode atingir diretamente as mulheres, que ocupam cargos significativos dentro da produção, com a realização de trabalhos manuais.

Essas inovações tecnológicas permitem a redução do tempo gasto na realização das atividades, enquanto são favoráveis à produção agrícola pelas razões já mencionadas, mas trazem também problemas para a região em relação à redução de postos de trabalho que acabam por eclipsar o pretendido e em certa medida alcançado desenvolvimento social da área, que ao longo dos anos tornou-se pólo atrativo para os trabalhadores da terra pelo grande número de empregos gerados com a implantação e subsequente desenvolvimento da agricultura irrigada, ao tempo em que redefinem a posição das mulheres no mercado de trabalho. (CAVALCANTI, 1997, p. 279).

É importante observar que nos trabalhos realizados por Cavalcanti (1996), (1997) e Oliveira (1998) pode-se analisar que, apesar do quantitativo de vendas de uvas no país e no exterior, o trabalho que é desempenhado pelas mulheres nas empresas é pouco valorizado e até mesmo invisível para o público que consome a uva.

Dentro das empresas produtoras de frutas do Vale do São Francisco, segundo Branco e Vainsencher (*apud* SILVEIRA E FREITAS, 2007) existem dois tipos de acordo: o trabalho assalariado onde elas têm seus direitos garantidos por lei e o contrato temporário, em que as trabalhadoras serão chamadas de diaristas e não têm nenhuma estabilidade, recebendo apenas o salário individual, sem nenhuma garantia. As trabalhadoras mais idosas também serão contratadas como diaristas, sob a alegação de que elas têm mais experiências no trabalho que vão desempenhar.

Nos períodos de colheitas existem irregularidades na contratação de trabalhadores e trabalhadoras. O contrato de mão de obra temporária para desempenho de atividades como poda, raleio e colheita aumenta, chegando a superar o número de trabalhadores permanentes

(BRANCO *apud* CAVALCANTI, 1997). Por outro lado, quando não há grandes colheitas, as trabalhadoras efetivas são levadas a fazerem um revezamento de atividades que acontece de acordo com a necessidade da empresa naquele período. Segundo relatos das próprias trabalhadoras, elas podem desempenhar tarefas como a pré-limpeza um certo dia e no outro, por exemplo, ir trabalhar no *packing house*, embalando a uva.

As trabalhadores realizam algumas atividades específicas, entre elas está a observação das características do cacho da uva. Antes do trabalho de embalagem das frutas, são retiradas as bagas e gavinhas danificadas do cacho para que depois sejam depositadas nos contentores. Após esse trabalho, as frutas serão levadas para o *Packing House*, onde os cachos serão selecionados, de acordo com o tamanho, e colocados em recipientes plásticos (cumbucas). Após esse processo, a uva será embalada em caixas de papelão e levadas para salas de pré-resfriamento, com o objetivo de fazer com que elas percam calor adquirido no campo, antes que sejam transportadas para longas distâncias (SOARES e LEÃO, 2009).

Segundo os estudos realizados por Oliveira (1998), existe nas empresas uma divisão evidente entre os trabalhos desempenhados por homens e mulheres. Por serem consideradas habilidosas e delicadas, cabe às mulheres, atualmente, a função de fazer o raleio da uva, pentear, colher e embalar as frutas no *Packing House*. A autora ainda vai destacar que essas tarefas são consideradas de extrema importância na hora de comercializar o produto, pois dependem delas a beleza e formação dos cachos de uva.

A desvalorização das tarefas desempenhadas pelas mulheres dentro do ambiente de trabalho pode ser justificada pela supervalorização da força física do homem, é o que explica Saffioti (2013). Ela ainda vai reforçar que por outro lado, quando o homem passar a realizar atividades consideradas “leves”, como no caso do raleio e limpeza da uva, essa justificativa se torna vulnerável.

PROCESSO METODOLÓGICO

Para a concretização da presente pesquisa, foi realizada uma revisão bibliográfica com o objetivo de entender o panorama a cerca do trabalho das mulheres na produção de uvas finas de mesa do Vale do São Francisco.

Durante a investigação, foi feita a pesquisa de cunho qualitativo, que, de acordo com Mirian Goldenberg (2004), consiste em um tipo de abordagem em que o pesquisador não defende apenas um único método de investigação dentro das ciências sociais e “não pode fazer julgamentos nem permitir que seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa” (p. 17). A pesquisa realizada com base em dados qualitativos, como reforça Goldenberg (2004), é feita por meio de descrições das vivências dos indivíduos envolvidos na investigação, com o objetivo de compreender o universo que o cerca. Dessa forma, o pesquisador terá acesso a essas vivências, ou seja, o universo do entrevistado, por meio dos olhares e percepções dos pesquisados. Também foi realizada a pesquisa de campo, que segundo Marconi (1990):

Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que presume relevantes, para analisa-los. A pesquisa de campo propriamente dite ‘não deve ser confundida com uma simples coleta de dados (este último corresponde à segunda fase de qualquer pesquisa); é algo mais que isso, pois exige contar com controles adequados e com objetivos preestabelecidos que discriminam suficientemente o que deve ser coletado’ (TRUJILLO, 1982 *apud* MARCONI e LAKATOS, 1990, p.75).

Utilizou-se também como técnica, a entrevista semi-estruturada ou individual, que é vista como uma técnica de coleta de dados qualitativos que se apoia em questionamentos ancorados em hipóteses que podem beneficiar o pesquisador e o tema que será analisado (TRIVINOS *apud* DUARTE, 2006). Nesse tipo de entrevista, o pesquisador elabora questionamentos com o objetivo de alcançar resultados do tema investigado. Também é função do entrevistador fazer interferências, elaborando novas questões e levantando hipóteses durante a execução da investigação empírica. Para Robert Farr (*apud* BAUER e GASKELL, 2002) as entrevistas qualitativas são “essencialmente uma técnica ou método para estabelecer ou descobrir que existem perspectivas, ou pontos de vistas sobre os fatos além daqueles da pessoa que inicia a entrevista” (p.65). No caso deste estudo, essas entrevistas foram realizadas com trabalhadoras das cidades de Juazeiro-BA, Petrolina-PE e Lagoa Grande-PE que atuam em empresas produtoras de uvas para exportação. Os questionamentos foram realizados com seis personagens, que falaram sobre as condições de segurança nos parreirais.

RESULTADOS AVALIADOS

Observou-se, durante a realização da presente pesquisa que, apesar de desempenharem trabalhos importantes para a empresa, as tarefas femininas ainda são desvalorizadas. Um estudo realizado por Bloch (1996) revelou que nesse período, as trabalhadoras sofriam com intoxicação causada por agrotóxico. Em 2016 a situação não mudou e ainda existem casos negligenciados pelas empresas. Uma das questões alegadas pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Juazeiro (STR) é a difícil comprovação do problema. Muitas fazendas se recusam a indenizar as trabalhadoras e por medo de perder o emprego, muitas retornam para debaixo dos parreirais. Muitas empresas ainda não dispõem de Equipamentos de Proteção Individual (EPIS), como relatou a trabalhadora F.N.D (2016):

“Não tem EPI, não tem bota, não tem óculos, não tem luva... É um estado de calamidade! Lá é dando veneno com a gente dentro. Se não for eu para tirar as trabalhadoras eles não estão nem aí. É a gente trabalhando aqui e o veneno passando aqui do lado. Aí eu vou perguntar e eles dizem que não é veneno”.

Em sua pesquisa, Bloch (1996) vai dizer que muitas trabalhadoras, que atuam no raleio e na colheita da uva afirmavam sentir tonturas, problemas de pressão alta e coceiras pelo corpo, após entrarem nas áreas pulverizadas, situação que ainda permanece nos dias atuais. Segundo a trabalhadora G. S. S. M, as mulheres grávidas realizam as mesmas atividades das não gestantes e muitas empresas não remanejaram elas para outros cargos.

De acordo com as trabalhadoras de uma empresa de Petrolina (PE), quando há intoxicação por agrotóxico, muitas empresas se recusam a indenizar as vítimas e até mesmo comprovar que usou o produto. É o que explica a trabalhadora L.A.D que se intoxicou com agrotóxico e a empresa em que trabalhou em Juazeiro não a indenizou. Ela teve 80% do corpo queimado, devido a uma alergia causada por um agrotóxico chamado Dormex¹¹. A trabalhadora relatou também que a empresa se recusou a afirmar que tinha aplicado o agrotóxico no local onde ela sofreu o dano. Apesar de passar um ano se recuperando, a empresa afastou a trabalhadora por apenas quatro meses e não pagou nenhum medicamento usado do tratamento da paciente.

¹¹ Produto químico usado para acelerar o crescimento dos brotos nos parreirais de uva, após a realização da poda.

Algumas trabalhadoras relatam também que não gostam das atividades que desempenham. Explicam que são muito cansativas e que realizam aquela rotina diária por causa dos filhos. “Não gosto do que faço. É um trabalho muito desgastante. Todo dia pegando sol quente, chego em casa com a cabeça doendo. Mas, preciso do dinheiro, não tenho estudo. Não posso sair”. (M.G.P, 2016).

Outra queixa frequente dos trabalhadores, no passado, era a circulação de transportes seguros. De acordo com Bloch (1996), as maiores reclamações eram voltadas para os atrasos, a superlotação e a falta de segurança nos carros que levavam os trabalhadores e trabalhadoras para a empresa. No período em que foi realizada a pesquisa, na década de 1990, os peões iam para as fazendas na carroceria de caminhões, conhecidos como “pau de arara” e inúmeros acidentes aconteciam. Com isso, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais passaram a lutar por condições melhores de segurança e as empresas de Juazeiro (BA), Petrolina (PE) e Lagoa Grande (PE) substituíram os veículos antigos por ônibus e essas mudanças foram alcançadas graças a Convenção Coletiva do Trabalho, unificada Bahia e Pernambuco. Por outro lado, ainda existem outras carências. Algumas empresas ainda não dispõem de enfermaria ou médicos de plantão em casos de acidentes.

“Mas em relação as pessoas adoecerem, você sabe que em toda empresa, todo mundo adoece, uma hora ou outra. Eu mesmo estou com problema de nervo. Semana passada eu desmaiei, ninguém me ajudou. Fiquei lá... não tem nenhum álcool para passar na gente. E o gerente, segundo eu fiquei sabendo, porque ele não falou para mim, ele falou que se pudesse dar veneno as trabalhadoras e ele dava. Lá não tem transporte. Eles simplesmente me colocaram em cima de uma moto e me levaram para o posto” (FND, 2016).

As mulheres também sofrem assédio moral e sexual dentro dos locais de trabalho. Os maiores insultos geralmente são feitos com delegadas sindicais, que por conhecerem os seus direitos, não tem medo de representar as trabalhadoras e muito menos buscar suas garantias. O assédio sexual também é uma questão que, comumente é encontrada nos parreirais de uva e, muitas vezes, as trabalhadoras se recusam a procurar os sindicatos para realizarem as denúncias, com medo de retaliação e perseguição, que pode ocasionar a perda do emprego.

“Ai depois veio os outros assédios. Ele me ofereceu dinheiro para sair com ele, não só a mim como a outras pessoas também, ele ofereceu, um monte de funcionárias lá dentro da empresa. Ele dizia que eu tinha caso com todo rapaz que eu conversasse na empresa que até mesmo o pessoal do sindicato

estava tendo caso comigo, por conta disso por que ele acha que as pessoas só porque é mulher, só porque é pobre, tem que ter caso com pessoas que tem dinheiro e eu acho isso um absurdo”. (FND, 2016)

Outra questão voltada para a saúde dos trabalhadores e trabalhadoras era a ausência de água potável nas empresas. Bloch (1996) vai dizer que a água fornecida aos trabalhadores não recebia tratamento algum.. Em alguns locais a situação ainda era pior. Os peões só tinham acesso à água da irrigação, que fica concentrada em canais, que levavam água até os parreirais, muitas vezes cheios de substâncias químicas. Em alguns locais percebe-se que a situação mudou. Existem empresas que dispõe de bebedouros com água gelada e potável para as trabalhadoras e de locais onde a comida possa ser esquentada. Na maioria dos casos, as trabalhadoras comem boia-fria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É importante ressaltar que apesar dos avanços conquistados pela Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) e da Convenção Coletiva do Trabalho, no que diz respeito ao uso de Equipamentos de Proteção Individual (EPIS), assistência médica, sinalização de segurança, água potável, entre outros direitos. Existem empresas que descumprem essas obrigações e ainda vivem a realidade retratada, há vinte anos, por Bloch (1996) onde não existia o acesso a direitos essenciais no trabalho como atendimento médico, transportes seguros, difícil comprovação em casos de intoxicação por agrotóxico, a entrada irregular em áreas pulverizadas.

Sobre a ação dos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais (STR) percebe-se que apesar da fiscalização efetiva nos locais, as trabalhadoras ainda têm receio de fazer denúncias e muitas vezes só recorrem ao STR quando a situação está agravada. Também não há, nesses locais discussões relacionadas às mulheres dentro do sindicato, que historicamente, acaba sendo ocupado por homens. Observou-se também que muitas trabalhadoras não possuem a noção da importância do seu trabalho e, principalmente, os riscos que esse pode trazer para a saúde humana. Também comprovamos que as mulheres ainda convivem com a dupla e até tripla jornada de trabalho, mas algumas delas contam com a ajuda dos maridos, que também trabalham na fruticultura da região, situações semelhantes às retratadas por Oliveira (1998).

Conclui-se que apesar do Vale do São Francisco ser um grande polo de produção de frutas, comercializadas tanto no Brasil quanto o exterior, como afirma Cavalcanti (1997), as

condições de trabalho das mulheres ainda não são favoráveis, em boa parte das fazendas em que a presente pesquisa foi realizada, em especial as que exportam frutas. É importante frisar que em alguns locais são respeitadas a legislação trabalhista, mas na maioria dos casos, as empresas não oferecem as condições mínimas necessárias para o exercício das atividades durante o processo de limpeza e colheita da uva.

REFERÊNCIAS

BAUER, Martin W. GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, som e imagem**. Rio de Janeiro. Vozes, 2002.

BIASE, Laura de. **A condição feminina na agricultura e a viabilidade da agroecologia**. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/agraria/article/view/128/128>. Acessado em: 14 de set de 2015.

BLOCH, Didier. **As frutas amargas do Velho Chico: irrigação e desenvolvimento no Vale do São Francisco**. São Paulo. Livros da Terra, 1996.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa. ANDRADE, BerlanoBênis França de. RODRIGUES, Victor. **Mulheres e trabalho na agricultura de exportação: questões atuais**. Disponível em: <http://www.revista.ufpe.br/revistaanthropologicas/index.php/revista/article/view/245>. Acesso em: 29 de mar de 2015.

CAVALCANTI, Josefa Salete Barbosa . **Globalização, estratégia produtivas e trabalho de homens e mulheres na fruticultura de exportação: o caso do Vale do São Francisco**. Disponível em: bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/brasil/nabuco/glob.doc. Acesso em 29 de mar de 2015.

_____. **Frutas para o mercado global**. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000100005. Acessado em: 20 de mar de 2015.

GOLDENBERG, Mirian. **Arte de Pesquisar**. Rio de Janeiro. Editora Record. 2004.

GROSSI, Miriam Pillar. **Identidade de gênero e sexualidade**. Antropologia em 1ª mão. Florianópolis, UFSC/ PPGAS, 1998.

MARCONI, Marina de Andrade. LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, amostragem e técnicas de pesquisa e elaboração, análise e interpretação de dados**. Atlas. São Paulo, 1990.

OLIVEIRA, Lúcia Marisy Souza Ribeiro de. **Dois anos em um: a realidade do cotidiano feminino**. Salvador. Egba, 1998.

PERROT, Michele. **Minha história das mulheres**. São Paulo. Editora Contexto. 2008.

PRIORI, Mary Del (ORG). **História das mulheres no Brasil**. São Paulo, SP. Editora Pinsky, 2004.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade**. São Paulo-SP. Expressão popular, 2013.

SANDEMBERG, Cecília M. B. MACEDO S. Márcia. **RELAÇÕES DE GÊNERO: uma breve introdução ao tema In**. COSTA, Ana Alice Alcântara. LOLE, Alexnaldo Teixeira. VANIN, Macedo (ORG). **Ensino e gênero: Perspectivas Transversais** . Salvador: UFBA-NEIM, 2011, p 33-46.

SILVEIRA, Maria Lúcia. FREITAS, Taís Viudes. **Trabalho, corpo e vida das mulheres crítica à sociedade de mercado**. São Paulo. SOF, 2007.

TEDESCHI, Losandro Antônio. **MEU NOME É “AJUDA”.A vida cotidiana e as relações de poder, gênero e trabalho das mulheres trabalhadoras rurais na Região Noroeste do Rio Grande do Sul**. Disponível em: <https://revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/viewFile/1132/887>. Acessado em: 04 de abr de 2015.

5-Complexo de cinderela: A imagem da mulher no conto de Perrault
Cinderella complex : The appearance of woman in Perrault's tale
Complejo de cenicienta: La imagen de la mujer en el cuento de Perrault

Ivaneide Vieira da Silva¹²

RESUMO:

O presente trabalho consiste em investigar a imagem da mulher no conto “Cinderela”, de Charles Perrault, dando ênfase à questão do Complexo de Cinderela. Para isso tomamos como referência básica a obra de Colette Dowling, *Complexo de Cinderela* (1982), e para discorrer sobre o feminismo nos apoiamos em Simone de Beauvoir em seu conhecido livro, *O Segundo Sexo* (1980). Consideramos importante relacionar psicanálise e literatura, pois nosso trabalho visa entender ideologias que dão forma às figuras femininas, bem como os elementos da psique e seus arquétipos que influenciam e caracterizam o papel da mulher nesta sociedade patriarcal.

Palavras Chave: Políticas de gênero. Mulher. Literatura. Complexo. Cinderela.

ABSTRACT:

The work presented mainly consists in researching womans personalities in Charles Perrault's “Cinderella” tale, especialy focusing the Cinderella complex. For that we based our work on Collete Dowling's book *Cinderella complex* (1982). Furthermore to complete and discuss about feminism we based on Simone de Beauvoir's book, *Le deuxième sexe* (1980) - the second sex. Considerly we took for important the relation between psyco-analisis and literature. In this sight our work try to analize and understand what kind of ideology forming womans personalities & figures. Also how psycic elements and archetyps take influence and how they characterize the position of woman in our patriarchal society.

Key-words: Gender politics. Woman. Literature. Complex. Cinderella

RESUMEN

¹² Graduada do curso de Letras Língua Espanhola e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB

El presente trabajo consiste en investigar la imagen de la mujer en el cuento “La Cenicienta”, de Charles Perrault, con énfasis en la cuestión complejo de cenicienta. Para ello se toma como referencia básica la obra de Colette Dowling, *Complejo de Cenicienta* (1982), y para discurrir el femenino nos basamos en Simone de Beauvoir, en su libro *El Segundo Sexo* (1980). Consideramos importante relacionar el psicoanálisis y la literatura, ya que nuestro trabajo tiene como objetivo comprender las ideologías que dan forma a las figuras femeninas, así como los elementos de la psique y sus arquetipos que influyen y caracterizan el papel de la mujer en esta sociedad patriarcal.

Palabras Clave: Literatura. Psicoanálisis. Mujer. Arquetipos. Complejo. Cenicienta.

1 A IMAGEM DA MULHER: PONTO DE PARTIDA

1.1 ENTRE FATOS E MITOS

A história da mulher é marcada pelo estabelecimento da ordem patriarcal que, em grande medida foi legitimada pela religião cristã ocidental, que transmitiu o silenciamento do feminino em todas as esferas sociais. Com base nisso, ao longo do tempo, o gênero feminino vem sendo oprimido de diversos modos tomando como justificativa, por exemplo, as características biológicas dos seres, isto é, o sexo.

Para a Bíblia, livro de maior tradução da antiguidade, a mulher é criada a partir de um pedaço do corpo do macho, Adão. O mito do Gênesis fala da pré-formação da fêmea, quando primeiro é formado Adão e depois Eva. Na visão religiosa, o mito da criação mostra a imagem da primeira mulher como um ser inferior e dependente. Essa condição se justificava pelo fato de haver sido extraída de um sono profundo de nosso proto-pai, mostrando o varão como o ser superior em consciência, ficando a mulher, sendo parte de sua inconsciência (GENESIS 2: 21-22). Assim Adão, desde o princípio, é tido como perfeito e feito à imagem e semelhança de Deus, enquanto que a mulher se encontra pré-formada ao homem; sua existência e substância material dependem dele, pois esta fora feita de sua costela. Dessa forma, o Adão (homem) ficou sendo a causa final de Eva (a mulher), pois o propósito de vida para ela, segundo esse livro, é o de ser sua auxiliar (ajudante), tornando o homem a pré-condição da mulher e o fundamento de suas possibilidades (GENESIS 1: 26-27).

As fantasias da imagem feminina não se restringiam apenas ao fato de a mulher ser parte substancial do homem, a mesma visão de inferioridade se baseia em diferentes argumentos fisiológicos, pela simples alegação de a mulher possuir órgão genital interno.

Partindo do pressuposto da “fragilidade” física admitida às mulheres, associam-nas a uma debilidade mental fisiológica, principalmente pela anatomia cerebral. Segundo Paul Julius Moebius (1992 *apud* Hillman, 2000), partes do cérebro feminino são congenitamente inferiores comparadas com as correspondentes do cérebro masculino, para ele:

Las diferencias craneales entre los sexos, de igual forma que las existen entre las razas, deben ser equiparadas a diferencias mentales. Es suficientemente claro que la relación entre el cerebro y el cuerpo no es la misma en los dos sexos. Un hombre normal, aunque sea de talla pequeña, necesita una circunferencia craneana de al menos cincuenta y tres centímetros, mientras que a una mujer para manejarse de forma satisfactoria le bastan cincuenta y un centímetros. Así, para llevar a cabo sus objetivos vitales, a la mujer le basta con un cerebro contenido en una cabeza de cincuenta y un centímetros. Pero para los objetivos vitales de un hombre esa capacidad no es suficiente. Con cincuenta y un centímetros se puede ser una mujer inteligente, pero no un hombre inteligente (HILLMAN, 2000, p.284).

Deste modo, observar-se que a superioridade advinda da relação homem-mulher não se restringe apenas ao físico, âmbito mítico que atribui à inferioridade feminina também ao mental, com base na forma não racional de acesso à totalidade das coisas – mas sim, como se os órgãos sexuais femininos tornassem as mulheres “disformes e vergonhosas quando nuas”. Bourdieu (2002, p.32) comenta que:

[...] A ratificação social de fatos fisiológicos (a ereção, pensada segundo o esquema do “inflar” que permite pensar todos os fatos da fecundidade) conduz a fundar, numa razão mitológica, os traços mais arbitrários da denominação masculina, e a estabelecer, por exemplo, a ligação entre a virilidade física e a virilidade psíquica ou ética [...].

Pelos conceitos apresentados já se determina então, o dominante e o dominado e como as construções de valores a partir das características físicas estabelecem funções de gêneros sociais e psíquicos, isto é, a construção sociocultural, que atribui o homem e mulher papéis diferente dentro da sociedade, bem como serviu para propagar a ideia do corpo da mulher como elemento de desordem moral.

A mesma visão quanto à imagem da mulher segue fortemente na elite da Grécia antiga. Ali a condição social e política da mulher se diferenciavam dos direitos conferidos aos homens. Um de seus traços mais marcantes era a separação muito clara entre o mundo feminino e o masculino; a mulher ocupava posição equivalente à do escravo no sentido de que

tão-somente esses executavam trabalhos manuais, extremamente desvalorizados pelo homem livre. Segundo Alves e Pitanguy (1982, p.11): “A afirmação de Platão expressa bem esta realidade: ‘Se a natureza não estivesse criado as mulheres e os escravos teria dado ao tear a propriedade de fiar sozinho’”. Como podemos comprovar a vida das mulheres acontecia no âmbito privado. Numa sociedade que prezava a intelectualidade, as discussões filosóficas, o belo, o gênero feminino ficava à margem dessa efervescência, deste universo de ideias e possibilidades, sendo seu destino limitado à tarefa domiciliar e à procriação.

Seu “ambiente natural” estava confinado ao lar, educando e gerando filhos, subservientes dos seus cônjuges e lhes prestando total fidelidade, estando assim limitado o horizonte da mulher, excluída do mundo do pensamento, do conhecimento, tão valorizado pela civilização grega, legitimando a inferioridade da posição social da mulher que ainda hoje exprime um tipo de argumento naturalista que continua demarcando espaços para os sexos. O matrimônio referente a aquele período, séc. IV a.C., era decidido e arranjado pelos pais, que cedo as casavam no início de sua puberdade. No entanto, na classe social mais baixa, a mulher usufruía de maior “autonomia”, devido à sua condição financeira precária, elas necessitavam trabalhar e administrar seu dinheiro e dentro desta camada a prostituição feminina tornara comum.

Essa concepção inferior da mulher em relação ao homem teve como respaldo grandes pensadores da época, como o filósofo Aristóteles. Segundo ele, no que diz respeito à sexualidade dos indivíduos a diferença é indelével, pois, independente da idade da mulher, o homem sempre deverá conservar a sua superioridade (ARISTOTELES, 2006, p. 27). Tal percepção do filósofo, segundo Frias (2012), se embasou na noção de “ordem natural”, isto é, ele hierarquizou a natureza da alma, colocando o homem livre num plano superior ao da mulher que sofreria de uma carência e maturidade de espírito. Nessa assimetria ou contestação entre o feminino e o masculino, a mulher ficava incapaz de exercer qualquer outra função que não fosse a de obedecer ao seu marido, que seria responsável por trabalhar e governar a família¹³.

Algo a ser acrescentado e que desmitifica um pouco a ideia de que a sujeição da mulher seja um destino irrevogável, a-histórico e universal, leva-nos à experiência da relação

¹³FRIAS. Daniel. N. **A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade**. São Paulo. Agosto de 2012. Disponível em < <http://filosofojr.wordpress.com>>. Acesso em: 24jun2015.

entre o masculino e feminino, na Gália e na Germânia, onde o regime comunitário designava às mulheres um espaço de atuação semelhante a dos homens. Da mesma forma, os cronistas europeus do século XVI, chegando à América, se surpreenderam com a relevância da posição da mulher entre os Iroqueses e Hurons; portanto houve sociedades que se diferenciavam do modelo de controle de um sexo sobre o outro na realização de tarefas ou nas tomadas de decisões.

Durante os primeiros séculos da Idade Média, especialmente a partir do século XIII em diante, elas gozavam de alguns direitos garantidos pela lei e pelos costumes. Entretanto com a introdução dos princípios da Legislação Romana, a igreja católica por meio da inquisição perseguia todos quantos fossem considerados uma ameaça às suas doutrinas.

Ao relatar esse período composto pela Idade Média, é de suma importância deixar registrada a perseguição que se abateu sobre algumas delas, conhecido como a “caça às bruxas”. As que possuíam domínio de ervas medicinais para a cura de enfermidades, epidemias ou machucados, eram consideradas intuitivas nas comunidades em que viviam e, conseqüentemente, portadoras de um elevado poder social. Com ascendência espiritual da igreja e a contradição interna no pensamento da mesma no que concerne à posição da mulher, oscilando entre as figuras de Maria, exaltada, e Eva, denegrada, responsável pela queda do homem, prevalece à mentalidade eclesiástica e o tabu sexual. Neste contexto, tudo que a mulher tentava realizar por conta própria, era visto como imoralidade que se traduz na perseguição implacável ao seu corpo tido como fonte de malefícios.

Consideradas bruxas e pecadoras, pois, no ponto de vista da igreja medieval, elas profanavam contra as leis divinas com rituais que iam contra os seus preceitos, várias foram perseguidas e acusadas de feitiçaria, lançadas à fogueira, torturadas e exorcizadas. Diante de tantas mortes de mulheres acusadas por bruxaria durante a Idade Média, podemos verificar que o ocorrido poderia ter se tratado de um genocídio cometido contra o sexo feminino com a finalidade de manter o poder vigente.

Para se ter uma ideia, cada dez “bruxas” contava-se um bruxo e das que continuavam viva, submetiam-se a fortes repressões. Eram subjugadas e não podiam expressar sua sexualidade nem seu potencial criativo.

A inquisição não perseguiu tão somente a bruxaria, mas aos hebreus (considerados hereges), e ao contrário da perseguição ocorrida sobre a mulher-bruxa, foi registrada na historia. Essa perseguição às “feiticeiras” é um dado histórico claro que demonstra a

manutenção de uma posição de poder por parte do homem religioso. Quanto maior o número de mortes e controle sob as mulheres, melhor domínio se estabelecia sobre a sociedade, uma vez que é através delas que se gera a vida humana.

Na antiguidade, o mesmo ocorria com as consideradas histéricas. A histeria era vista como uma doença orgânica de origem uterina e, portanto, especificamente feminina, que tinha a particularidade de afetar o corpo em sua totalidade. Considerada como doença das virgens e das viúvas e, sendo a mulher um bem de valor sexual e reprodutivo, compreende-se que os sintomas surgissem naquelas que não estivessem “cumprindo o seu papel”, e a terapêutica então, seria fazer o útero voltar ao seu lugar natural, e para isto, estavam indicadas às relações sexuais.

No entanto as histéricas também foram rotuladas como feiticeiras, pois, tendo estabelecido “pactos com os demônios” na visão católica, passaram a ter poderes especialmente sobre os homens. Tendo como a única forma possível de purificação, o fogo, dessa forma eram queimadas vivas diante do povo, como forma de alerta e represaria, já que a feitiçaria era vista como uma afronta ao clero.

Voltando à condição da mulher na Idade Média, renuncia-se à abordagem médica da histeria e a palavra em si quase deixou de ser empregada, as convulsões e famosas sufocações eram consideradas expressões de um prazer sexual e, portanto, um pecado. Segundo Pierre Kaufmann (1996 *apud* Vianna, 2014), a histeria passou a ser vista como possessão diabólica – uma vez que o cristianismo trouxe como valor a castidade e a abstinência sexual. Dessa forma, as reações apresentadas no corpo dessas mulheres foram atribuídas a intervenções demoníacas.

A mulher, então, passa da condição de bruxa para paciente. No entanto, sua natureza segue sendo culpável, pois o que antes era explicado por meio de forças satânicas, agora se converte em seu próprio útero, sua estrutura feminina, sendo o órgão sexual onde reside o defeito.

Ainda sobre a questão da histeria, somente no século XIX com os estudos de Sigmund Freud em parceria com Josep Breuer é que a forma de conceber esta enfermidade passa por uma revisão. Essa doença possibilitou não apenas a existência de uma clínica freudiana, mas também o nascimento de um novo olhar sobre a feminilidade.

Freud utilizou da hipnose na tentativa de buscar lembranças traumáticas relacionadas a cada um dos sintomas. A paciente deveria lembrar-se do evento doloroso e vivenciar as emoções que não havia podido expressar de forma adequada na ocasião.

Entre 1888 e 1893, o novo conceito forjado por Freud através da teoria da sedução, afirma que o trauma tinha causas sexuais, sublinhando que a histeria era fruto de um abuso sexual realmente vivido pelo sujeito na infância¹⁴. Ele comprova que a patologia se trata de um traumatismo psíquico decorrente de uma experiência sexual prematura, que surpreendeu o sujeito e a relaciona com uma intervenção sedutora de um adulto junto à criança.

Observa-se a peculiar inter-relação existente entre mulher, histeria e fantasia sexual, assim como o predomínio da mulher como fonte de análise, a consideração das fantasias sexuais como suposta raiz da histeria e as fantasias transferenciais como suposta raiz da psicanálise. Por que logo a mulher ficou sendo vítima da histeria? Segundo Hillman (2000), a histeria naquela época era um enigma aos médicos, não havendo nenhuma hipótese de verdade. Não obstante, entende-se, pois, que se tratava de uma enfermidade até então imaginária, no intuito de manter o controle da sociedade e deixar à margem a quem fosse diagnosticado como ou com tal “problema”.

A imagem feminina remete a essa relação de poder e dominação que conhecemos, da imposição social que se baseia nas características físicas dos seres, consolidando uma sociedade machista advinda dessa visão não igualitária entre os sexos, que sempre intitulou a mulher como parte mais frágil.

Por esta razão, o termo mulher é duramente repellido do vocabulário feminista e principalmente das feministas pós-modernas que trazem em seu enfoque de estudos uma concepção que parte da ideia de que não há um modelo de mulher, dentro dessa categorização - ser mulher é diverso.

Conforme Alves e Pitanguy (1982, p.8): “É difícil estabelecer uma definição precisa do que seja feminismo, pois este termo traduz todo um processo que tem raízes no passado, que se constrói no cotidiano, e que não tem um ponto predeterminado de chegada”. Essas autoras afirmam que o sexo é político, pois contém uma relação de poder, e o feminismo busca repensar e recriar a identidade do sexo de maneira a romper com os modelos políticos tradicionais, sob uma ótica em que o indivíduo, seja ele homem ou mulher, não tenha que

¹⁴Ler mais sobre em: ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Disponível em: <<http://monoskop.org>>. Acesso em: 01 jul 2015. p.337

adaptar-se a padrões hierarquizados nem tão pouco às relações de poder que permeiam a vida destes em todas as dimensões.

O feminismo antes de 1970 utilizava o termo “mulheres” para discutir as causas universais da opressão feminina. Logo após, intimamente relacionadas às chamadas ondas femininas, a associação feminista faz uso do pluralismo, justamente como forma de provocação, pois essas são sujeitos diferentes, com demandas e intersecções diferentes e em níveis diversos. Esse desfecho traz uma significação mais ampla e uma discussão mais acirrada sobre a opressão feminina.

De acordo com Louro (1997), o feminismo é uma filosofia que reconhece que homens e mulheres têm experiências diferentes e reivindica que pessoas diferentes sejam tratadas não como iguais, mas como equivalentes. As feministas denunciam que a experiência masculina tem sido privilegiada ao longo da história, enquanto a feminina, negligenciada e desvalorizada. Elas demonstraram, ainda, que o poder foi – e ainda é – predominantemente masculino, e seu objetivo original foi a dominação das mulheres.

O movimento feminista pode ser dividido em três ondas, tendo seu começo no século XIX até início do século XX, a segunda fase entre as décadas de 1960 e 1970 e a terceira na década de 1990 até os dias atuais.

A primeira geração ou primeira onda representa o surgimento do movimento feminista, caracterizado como movimento liberal de lutas das mulheres pela igualdade de direitos civis, políticos e educativos. Teve seu começo nos Estados Unidos com o objetivo de lutar contra a discriminação das mulheres e a garantia de direitos, inclusive o direito do voto e na França, onde o feminismo adquire características de uma prática de ação política organizada, assumindo um discurso próprio, que afirma a especificidade da luta da mulher.

No Brasil, a primeira onda do feminismo também se manifestou mais publicamente por meio da luta pelo voto, sendo que as femininas brasileiras foram lideradas por Bertha Lutz, bióloga, cientista de importância, que estudou no exterior e voltou para o Brasil na década de 1910, iniciando a luta pelo voto. Esse feminismo inicial, tanto na Europa e nos Estados Unidos como no Brasil, perdeu força a partir da década de 1930 e só aparecerá novamente, com importância, na década de 60.

A segunda fase do feminismo (ou segunda onda) ressurgiu concomitante com os movimentos contestatórios da época, quando as feministas americanas enfatizavam a denúncia da opressão masculina e a busca da igualdade, enquanto que as feministas francesas

postulavam a necessidade de serem valorizadas as diferenças entre homens e mulheres. Pinto (2010, p.16) afirma que:

Na Europa e nos Estados Unidos, o movimento feminista surge com toda a força, e as mulheres pela primeira vez falam diretamente sobre a questão das relações de poder entre homens e mulheres. O feminismo aparece como um movimento libertário, que não quer só espaço para a mulher – no trabalho, na vida pública, na educação –, mas que luta, sim, por uma nova forma de relacionamento entre homens e mulheres, em que esta última tenha liberdade e autonomia para decidir sobre sua vida e seu corpo.

Enquanto que no Brasil, a autora registra como um momento de repressão total da luta política legal, sendo neste ambiente de regime militar e muito limitado pelas condições vividas na época, que aconteceram as primeiras manifestações feministas no Brasil na década de 1970.

As propostas feministas que caracterizam determinadas posições, por enfatizarem a igualdade, são conhecidas como “feminismo da igualdade”, enquanto as que destacam as diferenças e a alteridade são conhecidas como o “feminismo da diferença”.

Influenciadas pelo pensamento pós-estruturalista que predominava na França e com a ênfase das feministas quanto à questão da diferença, surge, então, o terceiro momento do feminismo ou terceira onda, cuja proposta concentra-se na análise das diferenças, da alteridade e da diversidade. Descola-se, então, o campo de estudo sobre as mulheres e sobre os sexos para o estudo das relações de gênero. Essas diferentes propostas de características de cada uma das fases do feminismo sempre coexistiram, e ainda coexistem, na contemporaneidade.

“O segundo sexo” é uma obra clássica é importante para analisar a visão da mulher não somente em seu momento. Simone de Beauvoir é uma autora feminista participante do mundo acadêmico e vai trazer questões que a mobilizavam, “contaminando” o fazer intelectual. Foi através de mulheres pesquisadoras e questionadoras como essa intelectual francesa que se romperam o silêncio da história e surgiram os estudos da mulher, ao discutir as convenções sociais estabelecidas às mulheres e construir uma trajetória marcada por rupturas, descontinuidade, avanços e acasos.

1.2 DIALOGANDO COM SIMONE DE BEAUVOIR

Um dos marcos do século XX foi à publicação de *O Segundo Sexo*, clássico da literatura feminista, em 1949. Escrito por Simone Lucie Ernestine Marie de Beauvoir, este livro é sem dúvidas uma das principais obras de referência nos estudos sobre a mulher e as relações de gênero.

Publicado originalmente na França quando a Europa ainda se recuperava das feridas abertas pela segunda guerra, o livro é um amplo tratado sobre a “questão da mulher” em sua perspectiva existencialista. De acordo com as descrições de Rodrigues (2014, p.3):

Simone de Beauvoir era professora, escritora, intelectual ativa e sua vida era dissonante em relação ao modelo de feminilidade da época. Fugindo de um casamento convencional e sendo uma das raras mulheres a atuar na área da filosofia, a trajetória de Beauvoir é uma evidência do conflito entre as representações femininas socialmente elaboradas e as transformações nas relações de gênero que afetavam diretamente a população feminina, apontando novas possibilidades de vida para além dos estigmas sociais.

Beauvoir ofereceu uma enorme contribuição para a cultura, pela sua obra teórica e literária, pela sua participação política nos acontecimentos sociais de seu tempo, assim como pela marcante figura. Rejeitando a existência de uma essência feminina, propunha-se a indagar onde a “feminilidade” é construída: nos mitos que dela forjam os homens, através das religiões, das superstições, das ideologias, das literaturas. A escritora francesa, constatando a realidade ainda imediata do mundo masculino, estudou cuidadosamente o destino tradicional da mulher, as circunstâncias do aprendizado de sua condição feminina e o estreito universo em que estava encerrada.

Para ela, a mulher tornou-se escrava da sua própria situação - o ser “realmente mulher” - estava padronizado na moça bem comportada, na esposa dedicada, com base na visão opressora ortodoxa que defendia que o dever da mulher seria submeter-se ao homem, perpetuando o inglório duelo entre o homem (o importante, o superior, o provedor, o racional) e a mulher (o sexo defeituoso, subjacente e, portanto, inferior - com pouca capacidade e discernimento para invenção e genialidade, ainda que venham a ter acesso às ciências e à literatura) como sexualmente diferenciada, prevalecendo, portanto, o mito do “eterno feminino”.

Em sua citação famosa que ganhou grande repercussão no mundo e se tornou conhecida principalmente entre as militantes feministas, Beauvoir mostra a luz da moral existencialista que acreditava na individualidade e liberdade autônoma do ser, considerando meios existentes e relevantes do ser humano de realizar dentro da condição feminina.

O afirma-se quanto indivíduo e a superação das circunstâncias que restringiram e ainda restringem a liberdade da mulher era uma das propostas libertadora da autora. Forjar por meios dos escritos, numa sociedade tão tendenciosa, novas possibilidades de um futuro, de outra civilização que não tenha nada a ver com o “comércio sexual” (a desigualdade e hierarquização entre os sexos) que por várias gerações se manteve justificado por meio dos aspectos biológicos. Ao constatar tal prestígio viril, Beauvoir declara que:

Ninguém se nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino (2009, p.9).

Com esta citação a pensadora francesa quis afirmar que embora estejamos todos inseridos em contingências biológicas, tais eventualidades não perfazem uma essência, nem tão pouco consistem em determinações, o que nos leva a entender que uma mulher não nasce mulher, se faz mulher. A condição de ser mulher é uma construção, e por tanto, não surge do nascimento (nascemos fêmea ou macho); partindo do pressuposto de que todo ser humano deveria definir-se de maneira singular com liberdade autônoma. Ela observa também que a condição da mulher sempre esteve voltada ao resultado de uma elaboração cultural e histórica a partir de uma alteridade masculina, pois desde a primeira infância, a criança é separada por sexo, seja nas brincadeiras, na educação, nos valores ou comportamentos que lhes são inculcados. Dissertando contra o determinismo biológico da fêmea humana que lhe põe numa condição de mera sombra do homem, a autora explica que a mulher já se mostra como sexualmente especificada e se apresenta ao mundo como o segundo sexo, como a oblíqua que se define a partir da reta vertical absoluta (o macho).

Esses valores inculcados nas diferenças biológicas entre os sexos transformam essa condição em atributos qualitativamente desiguais, constituindo o ser feminino no outro. O nascer “mulher” implica então, em um conjunto de prescrições que limitam e recortam sua possibilidade de constituir-se como sujeito.

Tal deformidade vivenciada pela mulher, segundo a filósofa, provém de uma educação altamente machista, envolto de um gineceu¹⁵ socialmente admitido, que determinam e organizam seus pensamentos, originários dos modelos oferecidos pela sociedade a partir dos julgamentos emitidos, do que se considerava bom, correto, desejável.

¹⁵Associação de mulheres; Habitação destinada exclusivamente às mulheres na Grécia Antiga.

Embora a pensadora francesa em seu livro nos traga uma visão supostamente elitizada da mulher, existe uma pluralidade do feminismo até então não mencionada em seu livro. O movimento feminista revela um caráter plural, isto é, uma pluralidade feminina. Simone de Beauvoir discorria de uma fala até então, vista por uma demanda de mulheres brancas, europeias e de classe média. Porém, dentro desse universo “desprivilegiado” feminino dissertado pela autora, existiam aquelas que além de sua condição de mulher, possuíam outro marco que as desfavoreciam: Etnia (negras e indígenas), questões sócio demográficas (sem formação acadêmica e oriundas de países em desenvolvimento e ex-colônias europeias).

De acordo com Silva¹⁶ (2013, p.3), essas mulheres encontram no feminismo um jeito de dar espaço aos seus anseios como mulheres, todavia, suas inquietações não são iguais aos das mulheres brancas de classe média. A mulher negra além da opressão por ser mulher, sofre por pertencer a uma raça considerada inferior por diversos discursos. Trazendo uma série de acumulações que geram desigualdades sociais como: falta de acesso à educação, empregos de baixa renda, moradias marginais e em condições precárias. Logo as preocupações imediatas da mulher negra são com a alimentação, condução, enchente e não com a conquista de salários iguais ou o direito ao aborto, embora também tais reivindicações fizessem parte do seu cotidiano. Nessa mesma lógica, se encontram as mulheres indígenas (ainda que em menor número).

Percebe-se então que o constituir do “outro”, como coloca De Beauvoir, não se restringe a um único padrão de mulher, que abrange a sua pluralidade de sujeitos diferentes. O “outro” então pode ser o negro, o índio ou qualquer outra classe de seres que se inclinam para fora do eixo verticalmente dominante. Em nome do sexo e da raça, ficam excluídos da ideia de igualdade, de forma irreversível – as mulheres, os negros, os índios ou qualquer outro tipo de minoria.

2 COMPLEXO DE CINDERELA – COLETTE DOWLING

O Complexo de Cinderela foi um termo utilizado pela primeira vez pela psicóloga Colette Dowling na década de 80, quando considerou como um fenômeno que se iniciava na infância e refletia por sua vez na fase adulta. Ela afirma que desde cedo “[...] as mulheres são

¹⁶SILVA, Ariana Maria Da. Disponível em: www.unicentro.br

ensinadas a crer que, algum dia, de algum modo, serão salvas.” Segundo ela, “esse é o conto de fadas, a mensagem de vida que ingerimos juntamente com o leite materno.” (DOWLING, 2002, p.13). Conforme exemplifica, essa crença vai se solidificando e quando a chega a fase adulta, a mulher desenvolve um sentimento de incapacidade e inferioridade, alimentando conflitos internos entre o profundo desejo de ser cuidada e protegida. A exemplo de muitas mulheres, a escritora foi educada a acreditar que sempre haveria alguém mais forte para protegê-la e afirma: “tudo na forma de sermos educadas continha a mensagem de que seríamos parte de alguma outra pessoa – que seríamos protegidas, sustentadas, alimentadas pela felicidade conjugal até o dia de nossa morte.” (DOWLING, 2002, p.11). No entanto, sua experiência de vida levou-a descobrir a mentira dessa promessa.

A partir de sua experiência pessoal, a autora define o Complexo de Cinderela como a dependência psicológica, o medo da independência, o desejo inconsciente dos cuidados do outro que mantém as mulheres subjugadas uma força motriz, isto é, a figura masculina. De acordo com ela a maioria dessas mulheres que sofrem esse complexo foram educadas de modo a não enfrentar seus próprios medos, a recuar diante dos desafios e como “cinderelas”, a estarem sempre pela espera de alguém para salvá-las, para resolver suas vidas. Com base nessas informações, a autora desse fenômeno descreve assim:

Denominei-a ‘Complexo de Cinderela’: uma rede de atitudes e temores profundamente reprimidos que retém as mulheres numa espécie de penumbra e impede-as de utilizarem plenamente seu intelecto e criatividade. Como Cinderela, as mulheres de hoje ainda esperam por algo externo que venha transformar sua vida (DOWLING, 2002, 26).

Colette Dowling une teorias psicológicas e psicanalíticas para demonstrar que muitas mulheres ainda se reconhecem “cinderelas” ao rejeitar, inconscientemente, suas responsabilidades perante a vida e ao pensar que a solução de todos os problemas depende de encontrar seu “príncipe encantado”, como se fossem incapazes de salvar a si mesmas.

Essa rede de atitudes e temores, como afirma a psicóloga, são identificadas como: medo, insegurança, a incapacidade e inferioridade que tornam-se obstáculos impossibilitando a autossuficiência para seguir suas próprias vidas, seja em trabalhos, estudos ou qualquer tipo de realização plena. Atributos como passividade, dependência e principalmente autoestima baixo são sinais que repetidamente diferem os homens das mulheres. Segundo a autora há apenas uma explicação, desde sempre, os homens foram criados para autossuficiência como que esse bem lhes fora agraciado pela natureza, mas a verdade é que a autossuficiência é um

produto de aprendizagem e treinamento. E não um prêmio concedido para apenas uma das partes do gênero.

De acordo com suas análises, a dependência tanto para homens como mulheres até certo ponto é normal, o problema segundo ela, é que “desde pequenas as mulheres são incentivadas a uma dependência doentia” (DOWLING, 2002, p.13). A mulher que se autoanalise perceberá quão destreinada fora para sentir-se confiante perante a ideia de cuidar de si mesma ou afirmar-se como pessoa e defender-se.

Essas mulheres as quais Dowling descreve, embora alcancem um grau de êxito em suas vidas, seja em suas carreiras profissionais ou se sintam bem sucedidas, no fundo ainda, mesmo que externamente se comportem como monumentos de autoconfiança, se sentirão inseguras. Independentemente da tentativa dessas mulheres em viver ou se comportar de forma adulta, sempre haverá uma criança dentro de cada uma delas, aterrorizadas pela necessidade psicológica de evitar a independência.

A busca para a independência emocional é um caminho árduo e doloroso para estas mulheres, uma vez que este descobrimento é individual e solitário. No entanto, a mulher que o encontra, sente-se livre emocionalmente e os ventos da mudança atravessam as portas do seu espírito feminino. Já estão aptas a entender que na verdade já reside dentro do coração de todas elas. Aprendem sozinhas que a liberdade e a independência são ativamente desenvolvidas desde dentro e não através do outro, a partir do momento em que enfrentam seus próprios conflitos e buscam suas próprias soluções, maior liberdade e força ganham. E que ao invés de esperar que “algo aconteça” – de que o príncipe encantado apareça, elas mesmas podem efetivamente se tornar esse “príncipe realizador” (Dowling, 2002, p.200). Para alcançar essa tão desejada independência emocional terão que renunciar os amuletos da dependência que as deixam tão seguras, e só desta maneira serão capazes de acreditar em si mesmas e finalmente amar o outro porque amam a si mesmas.

2.1 CINDERELA: DO CLÁSSICO AO MODERNO

De acordo com Corso e Corso (2006) das três versões mais famosas, a cinderela francesa é a que possui melhor síntese e a que melhor amarra os elementos da história. A tão conhecida versão de Charles Perrault é chamada de *Cinderela* ou *O Sapitinho de Vidro*, cuja protagonista da história é uma menina que teve seu destino atrelado a uma madrasta que a

maltratava e duas irmãs postiças invejosas. O nome Cinderela está atribuído a cinzas, originária da palavra “borralho”, em inglês, esse nome originário ao conto faz alusão às cinzas do fogão e ao fato da personagem habitar entre as cinzas.

Mendes (2000) afirma que os contos de fadas exercem uma função bastante relevante, eles conseguem transmitir valores sociais para perpetuar ideologias, padrões morais da classe dominante, os burgueses, à classe dominada. Sobre esse fator a autora declara que:

Entre os arquétipos do inconsciente coletivo estão o nascimento, a maternidade, o casamento, a morte, o renascimento, o poder, a magia e as respectivas figuras da criança, da mãe, do herói, dos deuses e demônios. Todas essas imagens e figuras arquetípicas estão nos mitos e contos de fada, embora não sejam percebidas racionalmente pelos ouvintes e leitores. E é exatamente e evidentemente porque não se dirigem ao consciente racional que essas imagens se conservam e se transmitem por muitos séculos, preservando a estrutura primeira da narrativa (p.35-36).

Com base no que diz a autora e fazendo uma análise quanto ao comportamento de Cinderela, a protagonista do conto de Perrault percebe-se que não apenas na personagem como na narrativa em si, são transmitidos valores burgueses do tipo ético e religioso. Segundo Bettelheim (2002), a borralheira de Perrault é adocicada com uma bondade insípida e que não tem nenhuma iniciativa. O casal Corso e Corso (2006), concordam com Bettelheim, pois, para eles, comparativamente, parece que a Cinderela dos Grimm é mais travessa e menos compassiva, precisa plantar e regar a árvore de onde provém a boa magia e é menos atenciosa com sua algoz. O casal declara que:

A história de Perrault sintetiza melhor toda a trama, é um roteiro mais eficiente [...] que não se perde a sequência essencial: a boa alma, companheira da beleza, encontra o devido reconhecimento apesar dos trapos que a ocultam (CORSO; CORSO, 2006, p.110).

Entende-se, pois, que a Cinderela francesa é a imagem típica da tradição matriarcal, que projeta um modelo de passividade feminina. De acordo com nas narrativas de Perrault as qualidades consagradas de uma mulher exemplar estão na bondade, submissão e obediência, paciência, aceitação de uma situação dada, compaixão e generosidade. O conto logo ao iniciar, já evidenciam descrições dos atributos admitidos à imagem da mulher para o autor: “O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo” (TATAR, 2013, p.47).

Cinderela é uma personagem frágil e dependente e com o decorrer da história sabemos que a pobre menina suporta tudo com muita paciência apesar das humilhações que sofre das irmãs e da madrasta; as entrelinhas nos deixa evidente que ela é uma jovem mulher que está no topo de todas as virtudes. Embora estivesse vestida de trapos, seus traços e “comportamento” a distinguiam como nobre.

Esses atributos femininos de doçura, obediência e infinita bondade estão à disposição de um homem que os reconheça e se case com ela. Mendes (2000, p.45), reforça essa ideia dizendo que: “Em *Cinderela* permanecem vivos os ideias da sociedade patriarcal: a criança e a mulher devem ser submissas, o poder deve ser divino e masculino”.

Embora nos dias atuais as mulheres já não precisem sair de casa no dorso do cavalo de um príncipe, a permanência dessa história em contexto atual é curiosamente extemporânea, pois esse conto permanece como uma fonte de fascinação, perpetuando fantasias e modelos acerca do amor e do casamento.

As “cinderelas modernas” seriam a versão repaginada da personagem do mundo encantado das fadas. Diferente da Cinderela de Perrault, a figura da mulher do século XXI é de autossuficiência, autônoma e independente, capaz de desempenhar diversas funções e assumir a posição no trabalho que lhe compete, assim como, conquistar graus mais elevados. No entanto, permanecem heroínas por assumirem vários papéis, sejam dentro e fora de casa, exercendo-os com muito esmero. Mesmo após tantos anos de lutas e avanços por seu reconhecimento quanto indivíduo e integrante da sociedade, as mulheres de hoje, ainda se deparam com o dilema entre ser a Cinderela frágil, meiga e desprotegida ou a mulher independente e bem resolvida.

Para Mendes (2000, p. 129): “Perrault conseguiu nesse conto retratar, com os requintes da arte literária, o modelo de comportamento feminino esperado pela sociedade machista”. De acordo com a autora:

Se as fadas são o símbolo do poder feminino, as princesas e as camponesas que se tornam princesas são o símbolo da fragilidade, que deveria caracterizar as mulheres terrenas, seres humanos submissos às contingências do destino e à moral determinada pela sociedade. O poder divino das fadas e o poder masculino dos príncipes deveriam comandar a sua vida (p.130).

Percebemos com essas personagens femininas que Perrault foi magnífico em quanto a suas descrições ricamente elaboradas, deixando claro que, a imagem da mulher ideal deveria ser bem definida para que não pairasse dúvidas quanto ao seu papel social. Essa história,

objeto de nosso estudo, traduz muito bem esse ideal coletivo, essa fantasia e idealização na mente feminina de encontrar o homem perfeito para dar sentido à sua vida. Zatz (2014) declara que a trajetória da personagem traduz uma espécie de arquétipo fundamental, traduzido em anseio natural da psiquê feminina da contemporaneidade: a de ser reconhecida como especial, encontrar seu “príncipe encantado” e ser feliz. O que nos ocorre ao que foi dito por Simone Beauvoir (2009, p.165): “Em sua maioria ainda hoje, as mulheres são casadas, ou o foram, ou se preparam para sê-lo, ou sofrem por não ser”. Sobre essa mesma abordagem, Colette Dowling discorre que:

Fomos criadas para depender de um homem e sentirmo-nos nuas e apavoradas sem ele. Fomos ensinadas a crer que, por sermos mulheres, não somos capazes de viver por nossa conta, que somos frágeis e delicadas demais, com absoluta necessidade de proteção. De forma que agora, na era da conscientização, quando nossos intelectos nos ditam a autonomia, o emocional não-resolvido derruba-nos (DOWLING, 2002, p.25).

A psicóloga nos explica que esse desejo inconsciente dos cuidados de outrem está intrinsecamente ligado ao fenômeno denominado por ela mesma de: Complexo de Cinderela. Sobre esta questão Diana e Mário apontam que: “A vida das mulheres mudou, mas a construção da identidade feminina ainda requer que ela se disponha a desempenhar um certo papel para uso da fantasia masculina” (Corso; Corso, 2006, p.114). Dessa forma, entende-se que embora a mulher se mostre forte e capaz no mundo, Cinderela será qualquer mulher que ainda carrega em seu imaginário o incomparável pezinho como um sinal de virtude extraordinária, distinção e beleza que se encaixam perfeitamente ao “sapatinho de cristal” – o receptáculo pequeno, isto é, as fantasias e o imaginário masculino. Assim entendemos que das influências que o conto de Perrault possa ter sobre o estereótipo feminino é que a mulher alimenta o sonho de que um dia encontrará um homem perfeito, que a tirará da posição de gata borralheira, na certeza de que ele irá salvá-la da solidão ou de qualquer problema. Por um lado, o conto tem o mérito de provocar uma reflexão: o papel da mulher no mundo concreto, por outro, não podemos negar que a frase “Feliz para Sempre” traz uma mensagem implícita do amor eterno que a maioria das mulheres carrega em seu inconsciente.

CONCLUSÃO

O estudo concluiu que embora essa imagem que há sido nutrida e transmitida ao longo dos séculos pela cultura patriarcal, que exalta os atributos masculinos e desvaloriza os femininos, conseguiu influenciar na formação das mulheres resultando na ausência de conhecimento daquilo que lhes é mais estimado: sua essência feminina. Quando as mulheres assumem uma posição de dependência no plano emocional do masculino, acreditando que somente ocupam uma posição importante na sociedade quando se vinculam a um homem, perdem sua autonomia. Assim que, se desviam do caminho que poderia possibilitar mudar essa história, esquecendo que o instrumento para tal “libertação” seria o emancipar-se desde dentro.

A mulher que se liberta dessa visão opressora, tem mobilidade emocional e uma ampliação de sua autoconfiança que deriva de uma avaliação realista de suas potencialidades, que as permite sentir os ventos da mudança que atravessam as portas de seu espírito feminino que na verdade já reside dentro de cada uma delas – o reconhecimento de suas capacidades ilimitadas. Assim podemos concluir que mesmo reconhecendo que a mulher conquistou alguns lugares de destaque na sociedade historicamente dominada pelo homem, ainda existe um longo caminho a ser trilhado para a real libertação das forças opressoras e para eliminar com as desigualdades entre os gêneros. Acreditamos que o primeiro passo para que isso ocorra é começar com mudanças desde dentro delas mesmas, no aspecto psíquico, ou seja, de fora para dentro. A mulher deve tomar consciência de suas potencialidades e lutar contra qualquer tipo de dependência emocional ou econômica do masculino.

REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é o feminismo**. 2ed. São Paulo: Brasiliense, 1982.

ARISTOTELES. **A Política**. [Tradução de Roberto Leal Ferreira]. São Paulo: Martin Claret, 2006.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: a experiência vivida**. 2ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, v.2.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

Bíblia Sagrada. [Traduzida por João Ferreira de Almeida]. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BOECHAT, Walter. **Mitos e arquétipos do homem contemporâneo.** 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina.** 2ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

CORSO, Diana Lichtenstein; CORSO, Mário. **Fadas no Divã:** psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DOWLING, Colette. **Complexo de Cinderela.** [Tradução de Amarylis Eugênia F. Miazzi]. 53ed. São Paulo: Melhoramentos, 2002.

FRIAS, Daniel. N. **A mulher da Grécia Antiga e possíveis aspectos da cultura grega na contemporaneidade.** Café com Filosofia – PHIPSI. São Paulo, Agosto de 2012. Disponível em: <<http://filosofojr.wordpress.com>>. Acesso em: 24 jun. 2015.

HILLMAN, James. **El mito del análisis.** [Tradução de Ángel González de Pablo]. Madrid: Eddiciones Siruela, 2000.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação:** uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

MENDES, Mariza B. T. **Em busca dos contos perdidos:** o significado das funções femininas no conto de Perrault. São Paulo: UNESP, 2000.

PINTO, Célia Regina Jardim. **Feminismo, História e Poder.** Revista de Sociologia e Política, Curitiba, v.18, n.36, p.15-23, Junho de 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf>>. Acesso em: 09 set. 2015.

RODRIGUES, Valeria Leoni. **A importância da mulher.** Disponível em: <www.diaadiaeducacao.pr.gov.br>. Acesso em 14 abr. 2015.

ROUDINESCO, Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise.** [Tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães]. Edição Brasileira Marco Antonio Coutinho Jorge. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SILVA, Ariana Maria da. **Gênero versus mulheres versus mulher:** as ondas do feminismo no cone sul e a construção historiográfica da história das mulheres. Laboratório de História Ambiental e Gênero de Pós-Graduação em História e Regiões/DEHIS/UNICENTRO. Anais Eletrônico do I Colóquio Nacional de Estudos de Gênero e História. Junho de 2013. Disponível em: <<http://sites.unicentro.br>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

TATAR, Maria. **Contos de fadas.** Edição comentada e ilustrada. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013, p.44-59.

VIANNA, Ana Cristina de Araújo. **Um olhar sobre a histeria:** reflexões e questionamentos. Disponível em: <www.cbp.org.br>. Acesso em 10 jul. 2015.

ZATZ, Daniely Melo D. **Cinderela:** estereótipo feminino no contexto do casamento/amor romântico. (En)Cena. Centro Universitário Luterano de Palmas - CEUL/ULBRA. Tocantis, Janeiro de 2014. Disponível em:< <http://ulbra-to.br>>. Acesso em: 22 set. 2015.

6- A horta Povo Unido como referencial de desenvolvimento social e humano

Katiuscia Maria da Silva¹⁷

Resumo

O artigo reflete sobre o conceito lugar observando suas ressignificações a partir da geografia moderna, fundadora de novas relações entre homem e o meio em que habita ou não. Para tanto, argumenta sobre percepções observadas a partir de fundamentos teóricos “in loco”. Analisando a Horta Comunitária Povo Unido buscando captar os sentidos de lugar que perpassam pela geografia humanista e o que marca a relação homem e lugar nesse espaço.

Palavras-chave: Lugar. Horticultura. Natureza. Homem-meio. Agroecologia.

Concepções de lugar

Os gregos faziam observações acerca da sua própria realidade, e a ideia de lugar também se tornou objeto da análise desses pensadores. Aristóteles desenvolveu o conceito de que lugar “é o espaço que rodeia o corpo”. Foi a partir daí que se passou a pensar de maneira mais profunda sobre o assunto. Já no início da idade moderna René Descartes, organizando o conceito aristotélico afirmou que lugar é determinado pela relação da posição do corpo com a posição dos outros corpos. Já na idade contemporânea, baseado na fenomenologia, iniciou-se uma investigação na década de 20 com Carl Sauer que já em 1925 se referia à fenomenologia em um artigo intitulado “A Morfologia da Paisagem”, neste artigo fazia-se ligação entre a geografia e a fenomenologia, assunto esse, tornando-se mais dinâmico na década de 60.

Essa perspectiva teórica vai evoluindo à medida que a "Geografia Cultural" vai se tornando destaque enquanto disciplina nos cursos de geografia norte-americanos. A partir disso, o aporte teórico não era mais questionado mantendo seus fundamentos considerar o espaço vivido e de se considerar que a geografia estava "além da ciência", contradizendo o empirismo da pesquisa científica positivista.

A fenomenologia de Eric Dardel também não se enquadrava nos moldes do positivismo. Sua obra é elucidada a fenomenologia existencialista em que a geografia ancora-se na perspectiva do “homem-no-mundo”, de modo que não pode lidar apenas com aspectos

¹⁷Graduanda em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia-UNEB.

objetivos ligados a um espaço geometrizado, apontando para a relação existencial humana na Terra, determinando o “espaço geográfico” como o objeto fenomenologicamente determinado, em que a "geografia vivida em ato" torna-se essencial para explicar a realidade e interações de cada homem com sua terra natal.

Dentro do contexto marxista a visão de lugar se torna como resultante de características históricas e culturais inseparáveis ao seu processo de formação, ao mesmo tempo em que expressa globalidade. E no aspecto da dialética marxista Carlos (1996 p.22), define lugar como: “O ponto de articulação entre a mundialidade em constituição e o local, enquanto especificidade concreta e enquanto momento”.

No avanço das discussões sobre lugar Augé propõe o conceito do “não lugar”, que define como:

Espaço de passagem incapaz de dar forma a qualquer tipo de identidade, (...) como “instalações necessárias à circulação acelerada das pessoas e bens” (aeroportos, rodoviárias, salas de espera, estações de metrô), os meios de transporte (aviões, trens de grande velocidade), os grandes centros comerciais (hipermercados, shoppings) e ainda os campos de trânsito prolongado (campo de refugiados). (AUGÉ, 1994 p 36.)

A palavra “lugar” tem várias definições e uma delas, segundo o dicionário Houaiss, vem do latim *locális que pode ser parte do espaço que ocupa ou poderia ocupar uma coisa, um ser animado etc* e por muito tempo, se tratou lugar apenas como um mero conceito espacial. Mas para a perspectiva cultural-humanista de Tuan a base da geografia cultural humanística é o lugar e as interações humanas com ele configurando assim um mundo como nos afirma (TUAN, 1979, p.388) “a totalidade de meios pelos quais nós chegamos à compreensão do mundo: nós conhecemos o mundo através da sensação (sentimento), percepção e concepção”.

Para este autor a ideia de lugar não se limita apenas a aspectos espaciais ou geográficos, mas fundamentalmente na utilização de conceitos do mundo vivido, na relação do indivíduo com a sua realidade cultural e suas experiências que acabam servindo como ponto de referência na sua forma de interação com o seu meio.

Deste modo, inicia-se uma ligação da geografia com a fenomenologia, sendo lugar como ponto do qual o indivíduo com suas interações adquire a sua identidade. Representando assim, a construção dos sentidos individuais do homem, esta forma de se conectar na

realidade da qual ele vive se desenvolve por meio das suas necessidades materiais. E é por meio da atividade econômica que se inicia o processo de adoção de determinada área geográfica como ponto de fixação. E isso acontece quando uma coletividade assume a responsabilidade de modificar o espaço natural para que ele se torne adequado a sua realidade cultural. O processo econômico cria uma dinâmica que intensifica as relações com outros agrupamentos humanos.

Daí surge à necessidade dos indivíduos terem uma identidade para que possam se distinguir de outros grupos iniciando uma relação tanto prática quanto simbólica com o lugar transformado. E nessa convivência a adoção de símbolos e rituais contribui para reforçar o espírito de pertencimento a determinado grupo ou localidade.

Considerando as ressignificações de lugar abre-se precedente para uma análise dentro da perspectiva humanista com um estudo sobre a Horta Comunitária Povo Unido do Bairro João Paulo II, localizada na cidade de Juazeiro-BA, onde se desenvolve um projeto baseado em práticas de cultivo e utilização de solo ecologicamente sustentáveis e na agricultura familiar.

Deste modo percebe-se uma dimensão do lugar em consonância com o contexto prático, com a dinâmica das relações humanas e com o modo de se relacionar com a natureza coadunada ao sentimento comunitário que molda a construção dos hábitos e valores compartilhados naquele espaço.

Este artigo baseará suas análises na geografia humana, no entanto utilizará elementos da geografia física para dar referenciais precisos do objeto desse estudo.

A Horta e as pessoas da Horta



Figura 1.
Fonte: Katiúscia

A figura 1 mostra a entrada da Horta Povo Unido. Idealizada pela Irmã Redenta (italiana) em 1979 quando se deu o nascimento do Bairro João Paulo II em que até hoje se localiza a horta. Devido fortes chuvas nesta época, várias famílias ficaram desabrigadas. A horta lhes ofereceria trabalho e alimento.

Fundada em 1987 em terreno com 6ha, doado pela diocese pelo bispo Dom José Rodrigues. No início a água foi ofertada pela Mineração Caraíba, através de tubulações com cota inicial de 800m³ aumentando a cota à medida em que a Horta crescia, pois no início haviam 20 famílias e hoje são 120. Foi estabelecido um contrato de comodato que se renova a cada cinco anos. Os horticultores são associados e contribuem com R\$ 7,00 mensais para manutenção e cada um possui um lote de dez metros quadrados para produção, comercialização ou sustento próprio. O material de trabalho assim como a aquisição de sementes, fica a critério do horticultor.

Oitenta por cento dos horticultores são mulheres e como afirma D. Maria Do Rosário “*Sempre gostei de trabalhar com a terra, cavar, fazer o canteiro, capinar, que não é só coisa de home!*”.



Figura 2
Fonte: Katiúscia

A horticultora que trabalha na horta tem direito a auxílio maternidade, auxílio doença e com 15 anos de atividade e em idade certa, pode se aposentar sem comprovação em carteira.

As decisões são tomadas em reunião mensal e registradas em ata. O horticultores têm horário para cumprir, os portões são abertos das 05:30h até 11:00h pela manhã e no período da tarde, das 14:00h as 18:00h.

A idade média é de 45 anos, no entanto tem pessoas jovens com idade de 16 como também o Sr. João com 100 anos.

A Horta Povo Unido também enfrenta dificuldades como a questão da água que para o cultivo orgânico deve ser natural. Deste modo a necessidade dos recursos hídricos cresce a cada dia, mas a oferta acabou diminuída pela empresa mineradora Caraíba que além da redução, os horticultores passaram a pagar uma taxa pelo uso da água. Fora isso, a falta de apoio político dificulta o desenvolvimento das atividades na horta, e a intervenção política asseguraria os direitos do pequeno produtor rural, mas esse suporte não alcançou o resultado esperado pelos horticultores. Mesmo assim as atividades na horta cumprem seus objetivos de forma independente.

A Horta, as pessoas da/na horta

A partir dos estudos sobre as ressignificações da geografia, sugeriu-se o estudo in loco a respeito de seus conceitos-chave. Aqui o conceito-chave lugar será o foco da análise. Para tanto foi escolhido um lugar com características peculiares e com processos de interações sociais, de modo que se pudesse obter concepções de lugar pelos envolvidos levando em consideração os saberes e as experiências dos mesmos, que desenvolvem um projeto agrícola baseado num conceito ambientalmente sustentável. Foram feitas pesquisas, entrevistas, fotografias e análises históricas onde se trabalhou com dados primários e secundários, oportunizando a participação de todos aqueles que se disponibilizaram em colaborar e contar um pouco de suas experiências ao logo dos 25 (vinte cinco) anos de um lugar com enorme significado para todos os seus associados que é a horta comunitária do bairro João Paulo II.

O horticultor e coordenador do projeto comunitário João foi abordado e se prontificou a responder que “*a horta é um lugar agradável e cativo em termo de união*”. D. Maria do Rosário Oliveira, que veio da cidade de Remanso e trabalha na horta desde 1998, diz que

“aqui é terapia, é como família, melhor do que em casa”. D. Maria Senhora, desde 2004 trabalhando na horta Povo Unido. Diz que: “Chegar aqui é uma terapia santa! Chega aqui dá bom dia a mãe natureza, espanta tudo! Poderia passar o tempo todo aqui, é uma família!”

Percebe-se com isso uma relação de afetividade com o lugar, como define (CARLOS, 2007, p.17 apud SANTOS, 1993) O lugar permite ao mundo realizar-se, a oportunidade de uma história que ao realizar-se muda, transforma, determina a ação, é onde os homens estão juntos vivendo, pulsando, e que tem a força da presença do homem.

Dessa forma há uma integração entre homem-meio que agrega sentido de produto das experiências humanas. E esta interação permite que se construa uma identidade cultural com o lugar e isso acaba influenciando no modo de produção, configurando assim uma dialética para além de um mero cultivo agrícola, a agroecologia.



Figura 3
Fonte: Katiuscia

Assim classificada por Marsha Henzi (2014):

Enquanto a agricultura impõe uma função artificial na paisagem, a agroecologia estuda como podemos nos integrar com o ecossistema já existente, ou criar ecossistemas análogos. É a mudança do homem

dominador da paisagem para o homem participante na teia de vida complexa que ocupa um espaço.

O que representa uma alternativa à agricultura convencional praticada em larga escala aqui na região. A horticultura orgânica que segundo Plantasonya (2014) consiste no cultivo de verduras, frutas, legumes, temperos e ervas medicinal sem o uso de agrotóxicos e de maneira ecologicamente correta, ou seja, sem queimadas e com tratamento ideal do solo. Como podemos perceber na resposta de D. Maria Senhora sobre qual a importância do manejo ecológico no lugar? *“Daqui sai coisa saudável não só pra mim mas, pros outros também, o solo é muito respeitado aqui! Sr. João e D. Maria do Rosário (figura 4) afirmam respectivamente, que “aqui até a água é pura, não pode ter nem cloro, tudo tem que ser natural, não usamos nenhum veneno”, “botar veneno, é ruim pra mim, pro solo e pro povo, que vem da rua pra comprar aqui.”*



Figura 4
Fonte: Katiúscia

Essa prática promove uma relação afetuosa entre os sujeitos e na maneira de ver a natureza do lugar. O solo se torna um berço de vida respeitado para a saúde da plantação. A pioneira do conceito agroecológico no Brasil Vera Primavesi assegura que na agricultura

convencional se tem a ideia de que o solo é apenas o suporte para a planta ficar de pé e nada mais. Ela diz que na agricultura ecológica “o solo é tudo” e é “o solo que produz”, por isso devemos observar e manter a vida no solo, através do cultivo de organismos vivos que nela habitam e assim como afirma ainda “A terra lhe ajuda é só você cuidar dela”.

Prática reforçada por Henzi uma vez que ao se respeitar a “saúde do sistema agroecológico” haverá fartura de produção com harmonia. Dessa forma o cultivo agrícola estabelece uma lógica de respeito à vida no solo e assim, se pratica a agroecologia.

Nessa perspectiva, observamos que em todos os lotes há áreas para compostagem, aproveitando todas as sobras das seleções de vegetais, como também entre as verduras comestíveis há plantas que na cultura convencional são consideradas ervas daninhas e são arrancadas do solo. Na horta, essas plantas servem de proteção às verduras, a produção saudável é garantida, já que a comunidade do bairro e de outras localidades vem comprar produtos da horta diariamente.



Figura 5
Fonte: Katiuscia

A questão agroecológica é posta em prática em função da ligação das pessoas com a localidade. E essa identidade com o lugar acabou influenciado a maneira como se desenvolve o trabalho na horta comunitária.

Deste modo a horta não se tornou somente um lugar de atividades agrícolas e sim um ambiente de interação entre as pessoas, um ponto de encontro do qual se compartilha informações e saberes e onde se adquire uma identidade com a forma e o modo das pessoas lidarem com a realidade local, afirmando a geografia humanística supracitada e reforçando a ideia de lugar formada a partir de interações humanas nele, desenhando com isso, identidades.

As concepções acerca do lugar visualizadas na Horta são demonstrações de um movimento em que o humano se transforma juntamente com o lugar, o corpo vive e o modifica, se apropriando dele como Carlos (2007, p.18) preconiza que “o homem percebe o mundo pelos sentidos, pelo corpo se apropria do espaço através do modo de uso”.

São estabelecidas neste lugar, relações de afetividade entre o humano e o meio que possibilitam a construção significativa para a vida da pessoa com ela mesma, com o lugar e com o grupo, no sentido de se promover a alteridade social.

Constituindo aí uma relação ética na relação humana com a natureza, cujos desdobramentos configuram um saber cuidar, como se cuida do que se ama. Eles pertencem aquele lugar e o lugar lhes é sentido como parte integrante deles mesmos.

Referências

AUGÉ, Marc: **Não lugares:** Introdução a uma antropologia da supermodernidade/Marc Augé; Tradução Maria Lúcia Pereira. – Campinas, SP: Papirus, 1994. - (Coleção Travessia do Século). 111p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo.** São Paulo: Labur Edições, 2007, 85p.

Marsha Henzi. **Marizá Epicentro de Cultura e Agroecologia.** (24/07/2014) Instalado e configurado por www.professionalliberal.com.br. Disponível em: <http://www.marsha.com.br/index.php/agroecologia>. Acesso em 29/07/2014

Nicki Faulk. **Plantasonya,** Wordpress 2014 (citado em 24/07/2014). Disponível em: <http://www.plantasonya.com.br/hortas-e-medicinais/horta-organica.html>. Acesso em 29/07/2014

Tânia Rabello. **Portal Orgânico**. Wordpress 2012 (Publicado em 13/07/2012). Disponível em: <http://www.portalorganico.com.br/entrevista/58/organicos-podem-alimentar-o-planeta>. Acesso em 29/07/2014

TUAN, Yi-Fu. (1979). **Space and place: humanistic perspective**. In: Gale, S.; Olsson, G (eds.) *Philosophy in Geography*. Dordrecht, Reidel Publ. Co., p. 387-427. (publicado originalmente em: *Progress in Geography*. ((6): 211-252, 1974)

